



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

O ESCÂNDALO SOB A ÓTICA DOS VALORES-NOTÍCIA
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA *FOLHA DE S.PAULO* SOBRE O CASO FIFA

Vitor Pantoja de Britto

Brasília – DF
Dezembro de 2016



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Araujo de Sá

O ESCÂNDALO SOB A ÓTICA DOS VALORES-NOTÍCIA
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA *FOLHA DE S.PAULO* SOBRE O CASO FIFA

Vitor Pantoja de Britto

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação do professor Sérgio Araujo de Sá

Brasília – DF
Dezembro de 2016

Vitor Pantoja de Britto

O escândalo sob a ótica dos valores-notícia:
uma análise da cobertura da *Folha de S.Paulo* sobre o caso Fifa

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Sérgio Araujo de Sá (orientador)

Professor Dr. Fernando Oliveira Paulino (membro)

Professora Dra. Márcia Marques (membro)

Professor Paulo José Cunha (suplente)

Aos meus pais e avós

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, José Carlos e Maria Júlia, pelo apoio incondicional durante a elaboração desse trabalho e por todos os valores e ensinamentos que me transmitem diariamente. Ao meu irmão, Leonardo, pelas conversas motivacionais que sempre me auxiliam em situações difíceis ao longo dos anos.

Aos meus avós, José Carlos, Maria José, Eva e João, por tudo o que representaram como exemplos durante minha formação e por continuarem ao meu lado como guias fundamentais das minhas ações.

À minha namorada, Flávia, pelo intenso carinho e companheirismo demonstrados diariamente e por toda a força transmitida durante nossas jornadas de estudos.

Ao professor Sérgio de Sá, orientador deste estudo, por se dispor a fazer parte desse momento final de curso e pelas produtivas conversas e importantes contribuições dadas no processo. Agradeço também a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória.

Aos amigos, peças-chave no meu cotidiano e nesse ciclo universitário. Aos parceiros feitos na Universidade de Brasília, em especial a Gabriel Aragão e José Artur Lautert, pela incrível convivência nessa caminhada acadêmica.

Por fim, agradeço à Universidade de Brasília, por me proporcionar experiências inesquecíveis e me tornar uma pessoa melhor.

“Todo o delito que não se converte em escândalo não
existe para a sociedade”

Heinrich Heine

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre uma categoria particular de acontecimento jornalístico, o escândalo, e a esfera da noticiabilidade, mais especificamente os valores-notícia. Para proceder a investigação, apresenta referencial teórico sobre escândalo e mídia, centrado especialmente em conceituações propostas por John B. Thompson, e a respeito de noções de cultura jornalística e newsmaking. Além disso, utiliza a análise de conteúdo para examinar 51 matérias da primeira semana de cobertura feita pelo jornal *Folha de S.Paulo* sobre o caso de corrupção que envolveu dirigentes da Federação Internacional de Futebol (Fifa) em 2015. Dessa forma, identifica os valores-notícia infração, notoriedade, concorrência, consonância e personalização, de acordo com categorização proposta por Nelson Traquina, como protagonistas na noticiabilidade do escândalo inserido no campo do jornalismo.

Palavras-chave: escândalo, jornalismo, newsmaking, noticiabilidade, valor-notícia

ABSTRACT

This paper analyses the relation between a particular category of journalistic happening, the scandal, and the newsworthiness sphere, specifically through news values. In order to proceed the investigation, it presents theoretical reference about scandal and media, especially focused on concepts proposed by John B. Thompson, and concerning notions of journalistic culture and newsmaking. Furthermore, it resorts upon content analysis to examine 51 news stories that were published by *Folha de S.Paulo* during the first week of coverage regarding the corruption case involving leaders of Fédération Internationale de Football Association (Fifa) in 2015. Thus, this research identifies the news values of infraction, notoriety, competition, consonance and personification, according to the categorization proposed by Nelson Traquina, as protagonists of the newsworthiness of the scandal inserted in the journalistic field.

Keywords: scandal, journalism, newsmaking, newsworthiness, news value

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Total de elementos da cobertura jornalística	52
Tabela 2: Critérios substantivos identificados nas matérias.....	57
Tabela 3: Critérios contextuais identificados nas matérias.....	61
Tabela 4: Critérios de construção identificados nas matérias	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagem de matérias que contém cada critério substantivo	60
Gráfico 2: Porcentagem de matérias que contém cada critério contextual	63
Gráfico 3: Porcentagem de matérias que contém cada critério de construção	66

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. ESCÂNDALO	14
2.1 Corrupção	15
2.2 Quase-interação mediada.....	16
2.3 Dicotomia entre público e privado.....	18
2.4 Administração da visibilidade.....	20
3. MÍDIA, JORNALISMO E ESCÂNDALO	22
3.1 Cultura jornalística	24
3.2 Histórico de escândalos midiático-jornalísticos.....	26
3.2.1 Watergate	28
3.2.2 Casos brasileiros	29
3.2.3 Escândalos no futebol brasileiro.....	30
4. NEWSMAKING	33
4.1 Gatekeeper	33
4.2 Noticiabilidade.....	34
4.3 Valores-notícia	35
4.4 Sistematizações dos valores-notícia.....	36
4.5 Categorizações dos valores-notícia	38
4.5.1 Mauro Wolf	38
4.5.2 Nelson Traquina	40
5. CASO FIFA	42
5.1 Brasileiros envolvidos	44
5.2 Fifa e <i>Folha de S.Paulo</i>	46
6. ANÁLISE DE CONTEÚDO	48
6.1 Etapas de análise.....	49
6.2 Cobertura	50

6.2.1 Caderno de esportes	51
6.2.2 Países, cidades e repórteres	53
6.3 Corpus da pesquisa	54
6.4 Definição dos valores-notícia para análise da cobertura	54
6.5 Valores-notícia na cobertura da <i>Folha de S.Paulo</i> sobre o escândalo Fifa	56
6.5.1 Critérios substantivos dos valores-notícia de seleção.....	56
6.5.2 Critérios contextuais dos valores-notícia de seleção	61
6.5.3 Valores-notícia de construção	64
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
9. ANEXOS.....	72

1. INTRODUÇÃO

O escândalo é um dos acontecimentos mais importantes inseridos no campo do jornalismo. As relações entre condutas escandalosas e jornalismo suscitam reflexões e permitem investigações em diversas áreas que envolvem vários conceitos teóricos, como ética, objetividade, subjetividade, responsabilidade profissional, entre outros. Entretanto, o escândalo não costuma ser discutido na academia mediante um viés que se concentre na sua noticiabilidade como produto informativo, ou seja, nas razões pelas quais se constitui como notícia. O caso Watergate não se configuraria como tal sem o jornal *The Washington Post*. Esse é o ângulo estudado no presente trabalho.

Destarte, nos parece pertinente tratar de forma breve o que entendemos como banalização do escândalo jornalístico. Atualmente, não é preciso muito para que uma prática seja noticiada como escandalosa e ganhe espaço nos veículos de comunicação. Os inúmeros casos envolvendo subcelebridades e seus comportamentos pessoais, bem como aqueles inicialmente concebidos como escandalosos, mas que logo perdem força de cobertura, ilustram com propriedade o cenário apresentado. Na esfera do noticiável, julgamos que esses fatos possuem níveis insuficientes de valores-notícia para serem conceituados como escândalos.

Sendo assim, não nos interessa o estudo dessas situações. Aqui, não lidaremos com o escândalo banal. O que vamos investigar é o escândalo com alto grau de noticiabilidade, dotado de elementos robustos de dimensão pública. Em outras palavras, nosso objeto de pesquisa é o escândalo como acontecimento grave que impacta a opinião pública, envolve indivíduos munidos de poder que infringem regras e/ou valores sociais importantes e resulta em cobertura duradoura nos meios informativos de massa (na pesquisa, especificamente, o jornal impresso).

Para tanto, teorizaremos sobre conceitos-chave presentes na conexão entre escândalos, jornalismo e noticiabilidade. Entre eles, definições de escândalo e escândalo midiático-jornalístico, particularmente a partir de noções apontadas por John B. Thompson, autor que é referência na formulação de estudos teóricos na área. Ademais, vamos expor concepções sobre cultura jornalística, newsmaking e valores-notícia. Posteriormente, buscaremos identificar quais valores-notícia estão presentes no escândalo jornalístico, e se há protagonismo entre os critérios, por meio de análise da cobertura feita em 2015 pelo jornal *Folha de S.Paulo* sobre o

caso de corrupção que envolveu dirigentes da alta cúpula da Federação Internacional de Futebol (Fifa).

No primeiro capítulo, trataremos especificamente do fenômeno escandaloso. Abordaremos a relação entre escândalo e corrupção, questões referentes às esferas privada e pública e a emergência do evento influenciada pela transformação da visibilidade dos indivíduos perante a sociedade.

Em seguida, versaremos sobre as relações entre mídia, jornalismo e escândalo, fundamentados especialmente nas definições de escândalo midiático, contextualizando-os historicamente, e em elementos da cultura jornalística que se conectam com a transformação do escândalo em notícia, particularmente as noções dos profissionais como “cães de guarda” das instituições democráticas e da atividade como “quarto poder”.

O capítulo 3 é desenvolvido com base na teoria do newsmaking, o “fazer” noticioso, e aborda essencialmente a concepção dos fatos como notícias. Na seção, vamos discorrer sobre princípios fundamentais do assunto, como a teoria do gatekeeper, a noticiabilidade e os valores-notícia (os últimos elencados em suas sistematizações e categorizações).

No capítulo 4, vamos narrar os acontecimentos que compõem o escândalo de corrupção envolvendo os dirigentes da Fifa. Além disso, apresentaremos brevemente os brasileiros envolvidos no caso (José Maria Marin, José Hawilla, Ricardo Teixeira e Marco Polo Del Nero) e as principais organizações indicadas no estudo: Fifa e *Folha de S.Paulo*.

A parte final será dedicada à exposição da metodologia de análise de conteúdo e sua aplicação na cobertura da *Folha* sobre o escândalo Fifa. Dessa forma, julgamos que vamos poder identificar os valores-notícia que se manifestam na amostra, examinar se há protagonismo de critérios e delinear algumas conclusões por meio do processo mental interpretativo aplicado na pesquisa.

2. ESCÂNDALO

O que é escândalo? Quais parâmetros definem algo como escandaloso? Neste capítulo abordaremos mais profundamente o conceito de escândalo, suas características e as conexões entre escândalo e mídia. Etimologicamente, a palavra deriva do grego *skándalon* para designar obstáculo, armadilha, ocasião de tropeço (PRIOR, 2016, p. 35). No século XVIII, o filósofo François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire, afirma que “o escândalo é uma grave indecência” no que diz respeito aos valores éticos e morais (WILKINSON, 2007, apud PRIOR, 2016, p. 38).

O sociólogo norte-americano John Thompson conceitua escândalo como ação ou acontecimento marcado fundamentalmente por uma transgressão que ao ser divulgada é séria o bastante para que haja uma reação pública (THOMPSON, 2002, p. 40).

A ação fundamental (ou condição necessária) do escândalo é a transgressão. A não ocorrência desta inabilita a existência daquele. No entanto, Thompson chama atenção para a “natureza da transgressão” (idem). De acordo com o autor, nem todas as transgressões são escandalosas (ou potencialmente escandalosas). Códigos morais, valores e normas possuem diferentes níveis do que o pesquisador chama de “sensibilidade ao escândalo” (2002, p. 41).

Dada a transgressão, Thompson aborda a segunda circunstância indispensável ao escândalo: o conhecimento de “não-participantes” (2002, p. 45), ou seja, sujeitos não envolvidos na esfera secreta do âmbito transgressor. As práticas escandalosas são caracterizadas por um “drama de ocultação e revelação” (idem), no qual pessoas implicadas em atividades potencialmente escandalosas e não-participantes ávidos em busca da verdade medem esforços para, respectivamente, abafar ou dar publicidade ao delito.

Porém, afirma Thompson (2002), não basta apenas o conhecimento público para que o escândalo se constitua como tal. É preciso que haja desaprovação pública. Ao saber do fato, os indivíduos devem sentir que a infração é uma afronta às normas e aos valores vigentes naquela sociedade, logo, que é moralmente vergonhosa. Mais ainda, a transgressão pode afetar uma coletividade na qual os

sujeitos acabem “profundamente perturbados – verdadeiramente escandalizados – por ela” (THOMPSON, 2002, p. 46).

Outro requisito imprescindível é a expressão da desaprovação por parte dos não-participantes. Segundo Thompson, a moldagem do escândalo se dá tanto pelas respostas de membros da sociedade como pelo ato da infração em si. “Se não houver respostas, não haverá escândalo” (2002, p. 47). De acordo com o etnólogo francês Eric de Dampierre, a reprovação social acontece no âmbito da esfera pública pois o escândalo envolve a “existência de valores partilhados por um determinado grupo social” (1954, apud PRIOR, 2016, p. 38). A reação coletiva se dá principalmente através do discurso estigmatizante/moralizador que censura e reprova as ações daqueles envolvidos na transgressão, definido por John Thompson como “discurso infamante” (2002, p. 48).

O momento final do escândalo diz respeito às reputações dos envolvidos. Thompson ressalta a importância do entendimento de que perder ou ter a reputação manchada não é consequência inevitável do acontecimento escandaloso. Entretanto, “o prejuízo ou perda de reputação é um risco que está sempre presente quando um escândalo surge e se desdobra” (2002, p. 49).

2.1 CORRUPÇÃO

Atualmente, o escândalo está relacionado fortemente à corrupção. A palavra corrupção deriva do latim *corrumpere*, e foi primeiramente empregada para descrever a deterioração de um corpo ou substância, em termos físicos e morais (THOMPSON, 2002, p. 56). Do século XV em diante, adquiriu o sentido ao qual é associada atualmente: “a perversão ou falta de integridade no desempenho das obrigações públicas através de subornos ou favores, especialmente pelos oficiais do estado ou de alguma outra instituição pública” (idem). As duas concepções encontram-se intimamente conectadas. Partindo da noção de corrupção adotada por Thompson, estabeleceremos relações entre os conceitos. Para o autor, a prática da corrupção se caracteriza por dois elementos-chave:

- 1) a violação de regras, convenções ou leis referentes ao exercício adequado das obrigações públicas para fins particulares, pecuniários ou de aproveitamento pessoal;

- 2) a perversão, ou subversão, de padrões de integridade associados a uma função pública. (ibidem)

De acordo com o pesquisador, a corrupção pode originar o escândalo, mas nem todos os escândalos são de corrupção e nem todos os casos de práticas corruptas se configuram como escândalos. Thompson indica que “a corrupção tem de se tornar pública para se tornar um escândalo” (2002, p. 57).

Uma vez tornada pública, a corrupção precisa ser vista por não-participantes como séria o bastante para provocar manifestação significativa de descontentamento. Bruno Speck ressalta o interesse social da sociedade como exigência para a configuração do escândalo de corrupção ao defender que este “está condicionado não somente ao grau de integridade real que uma sociedade apresenta, mas também ao interesse que o tema desperta na sociedade” (1998, p. 41). Finalmente, é necessária a “articulação pública de um discurso infamante” (THOMPSON, 2002, p. 58) para tornar a corrupção um escândalo.

2.2 QUASE-INTERAÇÃO MEDIADA

Durante grande parte da história humana, as interações face a face dominaram os relacionamentos sociais. Assim sendo, a transmissão de conhecimentos, informações e conteúdos simbólicos era limitada geograficamente “pois sua transmissão dependia da interação face a face e do deslocamento físico de indivíduos de um ambiente para outro” (THOMPSON, 1998, p. 77)

Com o advento dos meios de comunicação, a interação não mais se associa ao ambiente estritamente físico e os sujeitos podem interagir mesmo que não comunguem do mesmo ambiente espaço-temporal. Thompson distingue três tipos de interação que serão aqui esmiuçadas para chegarmos no elemento chave em que os escândalos midiáticos se configuram: a “quase-interação mediada” (1998, p. 78).

Já frisada anteriormente, a interação face a face ocorre em um contexto de co-presença, ou seja, os participantes estão presentes em um mesmo referencial de espaço e tempo. Além disso, ela possui caráter dialógico, uma vez que há enunciados e respostas, idas e voltas no “fluxo comunicativo” (THOMPSON, 1998,

p.78). Outra particularidade é a multiplicidade de elementos simbólicos (expressões faciais, falas).

Thompson (1998) delimita a interação mediada como a segunda expressão interativa na história humana. A principal característica dessa é a utilização de meios técnicos (papel, fios elétricos) no processo interativo. É justamente esse uso tecnológico que permite às pessoas se relacionarem em diferentes contextos espaciais e temporais. Consequência disso é o estreitamento na possibilidade de elementos simbólicos na interação. A comunicação por meio de carta, por exemplo, priva os participantes de deixas associadas à presença física (gestos, expressões faciais, entonação etc.).

Consideradas duas categorias interativas, chegamos agora à que mais nos interessa: a quase-interação mediada. Esse gênero de interação se constitui especificamente a partir de relações sociais estabelecidas através dos meios de comunicação de massa (jornais, rádio, televisão etc.). Assim como a interação mediada, esse terceiro tipo “implica uma extensa disponibilidade de informação e conteúdo simbólico no espaço e no tempo” (THOMPSON, 1998, p. 79) e promove algum estreitamento das deixas simbólicas.

Entretanto, a quase-interação mediada possui significativas especificidades. Em primeiro lugar, enquanto na interação face a face e na mediada as formas simbólicas são orientadas para pessoas específicas, na quase-interação mediada elas são “produzidas para um número indefinido de receptores potenciais” (THOMPSON, 1998, p. 79).

Não obstante, a quase-interação mediada diverge das outras formas no que se refere ao caráter monológico desta em oposição ao caráter dialógico daquelas. Em linhas gerais, ao passo que na interação face a face e mediada o fluxo comunicativo consiste em idas e voltas, ou seja, afirmações e respostas, na “quase-interação mediada” o trânsito ocorre em sentido único. Exemplificando, o leitor de um jornal impresso ao receber o conteúdo informativo não constrói uma “resposta direta e imediata” (THOMPSON, 1998, p. 79).

Por fim, Thompson explica a classificação deste processo interativo e comunicacional como “quase-interação” (idem).

Ela não tem o grau de reciprocidade interpessoal de outras formas de interação, seja mediada ou face a face, mas é, não obstante, uma forma de interação. Ela cria um certo tipo de situação social na qual os indivíduos se ligam uns aos outros num processo de comunicação e intercâmbio simbólico. Ela é uma situação estruturada na qual alguns indivíduos se ocupam principalmente da produção de formas simbólicas para outros que não estão fisicamente presentes, enquanto estes se ocupam em receber formas simbólicas produzidas por outros a quem eles não podem responder, mas com quem podem criar laços de amizade, afeto e lealdade. (THOMPSON, 1998, p. 80)

2.3 DICOTOMIA ENTRE PÚBLICO E PRIVADO

O advento dos meios de comunicação e das novas formas de interação social, especialmente a quase-interação mediada, impactaram e transformaram profundamente a visibilidade, especialmente daqueles que ocupam posições de poder político. Thompson afirma que “os líderes políticos de hoje devem estar preparados para adaptar suas atividades a um novo tipo de visibilidade que funciona diversamente” (1998, p. 109).

Ele apresenta dois sentidos para entender a dicotomia existente entre público e privado. O sentido inicial, em termos gerais, diz respeito à distinção entre Estado e iniciativa privada. O autor argumenta que, “do século XVI em diante, ‘público’ começou a significar atividade ou autoridade relativa ao Estado e dele derivada, ao passo que ‘privado’ se referia às atividades ou esferas da vida que eram excluídas ou separadas daquela” (1998, p. 112).

O segundo sentido da dicotomia, que mais nos interessa, é relativo à separação entre publicidade e privacidade. Nos termos de John Thompson, o “acessível ao público” (idem) e o “que é dito ou feito em privacidade ou segredo” (ibidem).

Thompson relata que, anteriormente à expansão da mídia de massa, a publicidade entre membros de uma determinada sociedade se dava a partir da reunião das pessoas em lugar comum. A este fato o sociólogo nomeia publicidade tradicional de co-presença. No entanto, por consequência do incremento tecnológico comunicacional-midiático e da extensão da disponibilidade proporcionada por este, “a publicidade de indivíduos, ações ou eventos não está mais limitada à partilha de um lugar comum” (1998, p. 114).

Ações e eventos podem se tornar públicos pela gravação e transmissão para outros fisicamente distantes do tempo e espaço de suas ocorrências. Ações e eventos podem adquirir uma publicidade que independe de serem vistos ou ouvidos diretamente por uma pluralidade de indivíduos co-presentes. O desenvolvimento da mídia deu origem assim a novas formas de “publicidade mediada”. (idem)

A publicidade mediada se configura especialmente em decorrência do estabelecimento da imprensa no início da Europa moderna. O modo de produção e difusão instituído pela palavra impressa permite que eventos e ações sociais possam ser acompanhados por indivíduos que não necessariamente estejam presentes fisicamente no local dos acontecimentos (THOMPSON, 1998, p. 115). Uma consequência da lógica estabelecida na configuração social da publicidade mediada, que Baudrillard chama de “sociedade de consumo” (1995, apud PRIOR, 2015, p. 10), é a conversão dos acontecimentos privados – escandalosos ou não – em mercadoria acessível ao grande público.

É, justamente, neste sentido, que o espaço privado passa a ser objeto de consumo, numa lógica onde se estreitam velhas fronteiras entre a privacidade e a publicidade. Aquilo que não deveria ser tornado público, que deveria estar vedado ao olho alheio, é oferecido pelo *medium* ao público como se de um objeto de consumo se tratasse. (PRIOR, 2015, p. 10)

Assim sendo, pessoas não inseridas na publicidade tradicional de co-presença formam um coletivo definido por Thompson como “público leitor” (1998, p. 115). O teórico explica que estes cidadãos não constituem uma comunidade no sentido de haver interações diretas, como encontros e conversas, entre eles. Pelo contrário, eles formam um “público sem um lugar” (idem), caracterizado “não pela existência ou possibilidade de uma interação face a face entre seus membros, mas pelo fato de que seus membros tinham acesso ao tipo de publicidade que se tornou possível graças à palavra impressa” (ibidem).

Além disso, a publicidade proporcionada pela imprensa se diferencia da publicidade tradicional pois a relação entre a produção de notícias e os leitores ou receptores ocorre na esfera da quase-interação mediada. Neste caso, o processo

interativo, afirma Thompson (1998), não permite respostas diretas e imediatas aos produtos recebidos, sendo assim caracterizado como monológico.

Em síntese, o que antes estava resguardado no âmbito privado da visibilidade, dependente da interação direta para se tornar conhecido, agora se localiza no terreno da esfera pública, conceituada por Ciro Marcondes como “espaço de debate entre população e outras esferas da sociedade como instituições públicas e privadas” (1994, p. 17). Assim, a opinião deste público sem lugar passa a impactar a visibilidade dos indivíduos, especialmente aqueles dotados de poder político.

2.4 ADMINISTRAÇÃO DA VISIBILIDADE

Como resultado da mutação da publicidade tradicional de co-presença para a publicidade mediada, transcorreram mudanças nas condições de exercício do poder político (THOMPSON, 1998, p. 121). A que mais nos interessa é o aumento da preocupação de governantes e líderes políticos no cultivo de suas imagens pessoais, isto é, imagens positivas que buscam transmitir aos membros da sociedade usando os meios de comunicação.

Aqui é preciso fazer a distinção entre a visibilidade dos governantes no contexto de co-presença e do domínio da mídia de massa. Anteriormente ao surgimento da imprensa, os governantes podiam melhor administrar a visibilidade a partir da restrição desta a grupos fechados, geralmente compostos por membros da corte. “Visibilidade requeria co-presença” (THOMPSON, 1998, p. 122).

Porém, a partir do advento da imprensa, “os governantes políticos tiveram que se preocupar cada vez mais com sua apresentação diante de audiências que não estavam fisicamente presentes” (THOMPSON, 1998, p. 123). Apesar de servir como “meio de projetar uma imagem pessoal que poderia alcançar os súditos nos lugares mais distantes” (idem), ela também proporcionou um artifício que pôde ser utilizado por indivíduos opositoristas para “veicular imagens e relatos que divergiam do que os governantes procuravam apresentar” (ibidem).

Thompson especifica duas diferenças na administração da visibilidade entre os séculos XV/XVI e XIX/XX. Primeiramente, a partir do século XIX, há uma maciça expansão no tamanho – tanto em número quanto em alcance geográfico – das audiências receptoras das “mensagens mediadas” (1998, p. 123).

Em segundo lugar, identifica-se a construção de democracias liberais em muitas sociedades do Ocidente que levaram ao desenvolvimento relativamente autônomo dos sistemas políticos, nos quais “partidos políticos organizados competem em intervalos regulares, e de acordo com certas regras, para garantir uma proporção suficiente de votos populares que os instalem no poder” (THOMPSON, 1998, p. 124).

Dadas essas condições, diz Thompson, o cuidado na apresentação pessoal e zelo na edificação da imagem pública é fundamental para aqueles que aspiram seguir na vida política.

Políticos de sociedades líbero-democratas não têm outra escolha senão a de se submeterem à lei da visibilidade compulsória. Renunciar à administração da visibilidade através da mídia seria um ato de suicídio político ou uma expressão de má-fé de quem foi tão acostumado à arte da auto-apresentação, que pode dispensá-la. (idem)

A publicidade mediada se constitui como uma faca de dois gumes. Por um lado, a mídia de massa possibilitou aos governantes políticos um nível inédito de exposição pública que promove maior escala e intensidade de interação com a sociedade. Porém, o nível maior de visibilidade também traz riscos à administração da mesma (THOMPSON, 1998, p. 126).

Para Thompson, a visibilidade criada na esfera da quase-interação mediada também se torna uma fragilidade, afinal, quanto “mais os líderes políticos procuram administrar sua visibilidade, menos eles a podem controlar; o fenômeno da visibilidade pode escapar de suas rédeas e, ocasionalmente, pode funcionar contra eles” (1998, p. 126). É exatamente nesse contexto que os instrumentos de divulgação informativa em massa originam um novo tipo de escândalo: o midiático.

3. MÍDIA, JORNALISMO E ESCÂNDALO

Certamente, atos e episódios interpretados por componentes de um grupo como escandalosos não são restritos ao nosso tempo e nem ao período de maior influência dos meios de comunicação nas estruturas sociais. Contudo, consideramos que a emergência da mídia de massa impactou de maneira irrefutável o escândalo – antes divulgado entre indivíduos em interações diretas (conversas, encontros) – amplificando seu alcance e suas consequências.

“Com o desenvolvimento das sociedades modernas, a natureza, o tamanho e as consequências dos escândalos mudaram sob determinados aspectos”, diz Thompson (2002, p. 59). Apoiado nessa afirmação, argumenta que a principal razão de mutação dos escândalos nas sociedades modernas é a relação estabelecida entre estes e as formas midiáticas de comunicação que caracterizam essa organização social (idem). Em consonância, Venício Lima entende escândalos midiáticos como eventos que implicam “revelação, através da mídia, de atividades previamente ocultadas e moralmente desonrosas, desencadeando uma sequência de ocorrências posteriores” (2006, p. 13).

Similarmente, Norberto Bobbio busca retratar o fenômeno, que conceitua como “escândalo público”.

O momento em que nasce o escândalo é o momento em que se torna público um ato ou série de atos até então mantidos em segredo ou ocultos, na medida em que não podiam ser tornados públicos pois, caso o fossem, aquele ato ou série de atos não poderia ser concretizado. (BOBBIO, 2000, p. 105)

Molotch e Lester retratam os escândalos como ocorrências que se tornam acontecimentos por meio de atividades intencionais de indivíduos “informadores” (1999, p. 48), que por alguma razão não partilham das estratégias de produção dos fatos efetuadas pelos “executores” (idem). Nesse sentido, os atos escandalosos não mais se apresentam como localizados, ou seja, que surgem de “contextos de interação face a face, envolvendo indivíduos que são muito conhecidos um do outro como familiares, amigos, vizinhos companheiros” (THOMPSON, 2002, p. 59), uma vez que se identifica a constituição destes em processos e instrumentos comunicativo-midiáticos.

Buscando melhor delimitar a esfera dos escândalos midiáticos, Thompson lança mão de um amplo contraste entre estes e os escândalos localizados. O autor compara as seguintes características entre as duas formas: tipo de transgressão; tipo de publicidade; tipo de revelação; modo de desaprovação midiática; base de evidência; e referencial espaço-temporal.

No que diz respeito ao tipo de transgressão, o autor reafirma que, para se configurarem como escândalos, ambos necessitam da existência de alguma forma e certo grau de transgressão. No entanto, os escândalos localizados, em sua maioria, são marcados por transgressões de primeira ordem, aquelas infrações de valores e normas com alto grau de força moral (THOMPSON, 2002, p. 42).

Já os escândalos midiáticos implicam uma mistura de transgressões de primeira e de segunda ordem. Thompson delimita as “transgressões de segunda ordem” (2002, p. 43) a “uma série de subseqüentes ações que têm como objetivo esconder a ofensa” (idem). Em outras palavras, tratam-se de tentativas posteriores de encobrir a infração inicial que dá origem ao escândalo midiático.

Assim como a transgressão, a publicidade é condição necessária aos escândalos localizados e midiáticos. Porém, os tipos de publicidade característicos de cada um deles são diferentes (THOMPSON, 2002, p. 92). Ao passo que nos escândalos localizados há a publicidade tradicional de co-presença, ou seja, os desdobramentos dos atos de dão em contextos comuns da vida cotidiana a partir de interações face a face, os escândalos midiáticos se desenrolam no âmbito da publicidade midiática.

Thompson define “publicidade midiática” (2002, p. 92) como “uma publicidade que é independente de sua capacidade de ser vista ou ouvida diretamente por uma pluralidade de outros co-presentes” (idem) na qual os acontecimentos se desdobram através dos meios de comunicação de massa.

O tipo de revelação também é diferente entre os escândalos localizados e midiáticos. No primeiro caso, as ações centrais da prática transgressora são reveladas na comunicação face a face, usualmente conversações verbais. No segundo, ao contrário, os acontecimentos escandalosos são divulgados por intermédio de formas midiáticas abertas de comunicação. Assim, os eventos em questão são transmitidos a uma pluralidade de não-participantes localizados nos mais diversos espaços (THOMPSON, 2002, p. 97).

Da mesma forma, a manifestação de desaprovação pública é distinta entre as duas formas de escândalos. Nos localizados, o desagrado normalmente toma a forma de falas orais inseridas na comunicação face a face. Já nos midiáticos, explica Thompson “as formas abertas de comunicação midiática constituem o modo principal de desaprovação” (2002, p. 97). Segundo o sociólogo, manchetes de jornais, avaliações críticas na imprensa, caricaturas humorísticas e outras práticas geram o “clima de desaprovação característico dos escândalos midiáticos” (idem).

A base de evidências entre escândalos localizados e midiáticos também é oposta. Nos escândalos localizados, as formas de evidência correspondem majoritariamente a interações sociais específicas (observações, conversas secretas). Logo, a base de evidências desse tipo de escândalo se configura como relativamente efêmera, no sentido da fixação na capacidade da memória coletiva (THOMPSON, 2002, p. 98).

A apresentação dos escândalos midiáticos na imprensa, pelo contrário, envolve “formas de evidência que sejam fixadas em meios relativamente duráveis, desde cartas incriminadoras e fotografias até conversações registradas em gravador” (THOMPSON, 2002, p. 69). Para Thompson, “uma das características mais importantes dos meios de comunicação é que eles *fixam* a informação, ou o conteúdo simbólico, em um meio relativamente durável” (idem).

Finalmente, escândalos localizados e midiáticos divergem a respeito do referencial espaço-temporal. Enquanto os localizados, por serem ligados a comunidades locais onde há majoritariamente interações face a face entre as pessoas, raramente se espalham além dos locais onde se inserem, os midiáticos, em função do caráter aberto da mídia de massa, são realizados em um referencial “deslocalizado, onde a informação e a comunicação fluem rapidamente e onde o conteúdo simbólico pode ser fixado e reproduzido através do tempo” (THOMPSON, 2002, p. 101).

3.1 CULTURA JORNALÍSTICA

Apesar de esmiuçada a noção de escândalo midiático, certas questões no relacionamento entre jornalismo e escândalos devem ser brevemente elucidadas. Quais os interesses da comunidade jornalística nos escândalos? Por que fatos

escandalosos aparecem com alta frequência e têm tanto espaço dedicado a eles nos veículos de comunicação atualmente?

Uma explicação consideravelmente simples e certamente inegável está no interesse financeiro das empresas jornalísticas nos escândalos. Como empreendimentos comerciais estabelecidos na lógica capitalista, cuja matriz é o lucro, as organizações possuem necessidades econômicas e buscam satisfazê-las aumentando a venda de produtos informativos.

Nesse contexto, a publicação de revelações e alegações escandalosas (ou potencialmente escandalosas) pode ser vista como possuindo interesse econômico: os escândalos fornecem histórias cheias de vida, provocativas que podem ser usadas para chamar a atenção dos leitores e mantê-los presos enquanto o enredo se desenrola dia a dia, semana a semana. (THOMPSON, 2002, p. 109)

Obviamente, entendemos que não há como negar o aspecto econômico-financeiro na relação entre jornalismo e escândalos. Sem embargo, consideramos significativa a existência de uma cultura profissional dos jornalistas “rica em mitos, símbolos e representações sociais” (TRAQUINA, 2005, p. 51), ou seja, ideologias internalizadas pelos membros da “tribo jornalística” (idem, p. 50) sobre o papel da classe na sociedade. Acerca da conexão com a cobertura de escândalos, duas autoconcepções pertencentes ao *ethos* jornalístico se destacam: a do jornalista como “cão de guarda” (*watchdog*) e a do jornalismo como “Quarto Poder”.

A percepção do jornalista como “cão de guarda” está associada ao papel do profissional como vigia contra o abuso de poder por parte do Estado. Para Nael Jebril, “a função ‘cão de guarda’ do jornalismo está no coração de diversas organizações noticiosas atualmente” (2013, p. 4, tradução nossa) e, neste conceito, espera-se que os jornais vejam o governo como ameaça primária à liberdade de imprensa (idem). Thompson afirma que, especialmente a partir do século XX:

Os jornalistas se tornaram cada vez mais conscientes do fato de que os governos e outros procuram manipular diligentemente as notícias e ocultar material que possa prejudicá-los, e alguns jornalistas procuraram – com graus diferentes de determinação e sucesso – olhar mais além (e investigar mais além) das explicações fornecidas pelas fontes oficiais. (2002, p. 89)

Em termos próximos, a concepção do jornalismo como “Quarto Poder” é pautada na ideia deste como sentinela em relação aos outros três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), “atuando do a quem doer, no papel mesmo de herói do sistema democrático” (UNGARO, 1992, apud TRAQUINA, 2005, p. 51). Nessa perspectiva, a imprensa é considerada independente do Estado e seu vínculo com o poder econômico é considerado natural no cenário capitalista.

A validade atual da ótica é criticada por Venício Lima, quando diz que “a ‘imprensa’ se transformou em conglomerados multimídia que constituem, eles próprios, poderosos atores, tanto econômicos quanto políticos”. Segundo ele, “no novo contexto, o antigo papel de ‘quarto poder’ independente atribuído à imprensa pelo liberalismo simplesmente não existe”.¹ Apesar disso, julgamos ambas as convicções pertinentes no estudo das relações entre jornalismo e escândalos, uma vez que pressupõem a vigilância para com potenciais práticas transgressoras.

3.2 HISTÓRICO DE ESCÂNDALOS MIDIÁTICO-JORNALÍSTICOS

As práticas consideradas escandalosas tornadas públicas por meio da mídia não se restringem ao nosso tempo, nem somente aos séculos XX e XXI. Nesta porção do estudo iremos contextualizar historicamente o escândalo midiático, apresentando brevemente seu surgimento e desenvolvimento. Em seguida, abordaremos o “Escândalo Watergate”, envolvendo o ex-presidente estadunidense Richard Nixon, na década de 1970. Por fim, indicaremos importantes casos brasileiros – nas mais diversas áreas – e escândalos envolvendo dirigentes de futebol no país.

Antes do desenvolvimento massivo da mídia, acontecimentos escandalosos permaneciam em geral restritos aos pequenos círculos de pessoas que se relacionavam diretamente no que Guy Rocher intitula “sociedade tradicional” (1971, p. 7), organizada em laços restritos, especialmente de parentesco e dividida em grupos de idade. Nesse cenário, atos eticamente condenáveis permaneciam na esfera das fofocas e boatos interpessoais.

¹ Citações retiradas do artigo “A ilusão do quarto poder”, de Venício Lima. Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/colunas/midia/ilusao-do-quarto-poder> (último acesso em 10/11/2016)

Entretanto, a partir de fatores econômicos, sociais, políticos e demográficos, compreendendo também transformações desencadeadas pelo advento da mídia como estrutura massificadora dos processos comunicacionais, surge um tipo de organização social complexa, a qual Rocher chama “sociedade tecnológica” (1971, p. 42), caracterizada pelo meio técnico. “O meio técnico é verdadeiramente característico da sociedade moderna: é simultaneamente a sua causa e o seu produto” (FRIEDMANN, 1966, apud ROCHER, 1971, p. 43).

Isso posto, desvios morais e éticos tornam-se fenômenos cada vez mais importantes e suscetíveis ao escrutínio público, especialmente por meio da “emergência da mídia impressa e eletrônica” (THOMPSON, 2002, p. 70). A invenção da prensa de tipos móveis por Johannes Gutemberg em meados do século XV muda o mundo da impressão e reprodução de informações ao promover um novo modo de disseminá-las, mais dinâmico e que dá maior visibilidade aos atos dos indivíduos, especialmente aqueles em posições de poder, vistos como guardiões e conservadores dos bons costumes (governantes, monarcas).

“Os governantes políticos do início da Europa Moderna estavam muito conscientes que a imprensa era um meio poderoso que poderia ser usado não apenas para promover e realçar sua imagem, mas também para atacá-la e prejudicá-la”, afirma Thompson (idem). Na França, entre os séculos XVII e XVIII, o “Rei Sol”, Luís XIV, já lidava com críticas de panfletistas e se preocupava com livros subversivos que se propunham a revelar suas condutas duvidosas – particularmente sexuais – na vida privada (THOMPSON, 2002, p. 71).

No mesmo período, na Inglaterra, começaram a aparecer os primeiros jornais, apesar das tentativas supressoras orquestradas pelo monarca Carlos I. Os problemas do governante com o Parlamento estimularam a procura por notícias que abordassem temas políticos. Assim, surgiram panfletos e publicações que atacavam importantes figuras políticas, inclusive o rei (THOMPSON, 2002, p. 73).

O século XIX trouxe avanços tecnológicos e novos caminhos econômicos que fundamentaram o contínuo crescimento da imprensa através dos jornais impressos e, conseqüentemente, ampliaram o leque de acontecimentos escandalosos veiculados na mídia. Porém, foi no século XX – principalmente a partir dos anos 1970 – que o escândalo midiático fez sua morada. Dentre tantos, um escândalo político midiático ocorrido nos Estados Unidos que levou à renúncia do então

presidente Richard Nixon foi considerado por muitos o maior da história: o Watergate.

3.2.1 WATERGATE

A gênese do Watergate se deu em 16 de junho de 1972, quando cinco homens equipados com escutas para gravar conversas foram presos tentando invadir o Comitê Democrático Nacional, base do Partido Democrata dos Estados Unidos, sediado no edifício Watergate, em Washington. No primeiro momento, não se sabia quem havia ordenado a frustrada investida de espionagem, logo, na manhã seguinte, os jornais do país apenas noticiaram resumidamente o acontecido no contexto policial.

Todavia, ainda no dia 17, os suspeitos foram apresentados perante o juiz. Durante a audiência, um fato atçou o faro jornalístico de Bob Woodward, repórter do *The Washington Post*, tradicional jornal da capital estadunidense: um dos presos, James McCord, se apresentou como consultor de segurança aposentado da Agência Central de Inteligência (CIA). Após trabalho investigativo, no qual contou com a ajuda do colega Carl Bernstein, Woodward averiguou que McCord era listado na folha de pagamento do CRP (*Comitee for the Re-election of the President*), órgão criado para auxiliar na reeleição do presidente Richard Nixon, como coordenador de segurança.

Nos meses seguintes, Woodward e Bernstein seguiram pistas que sugeriam o envolvimento de funcionários do alto escalão da Casa Branca no caso, mas as provas não eram consistentes e conclusivas. O impacto político do acontecimento não foi intenso e Nixon se reelegeu com tranquilidade em novembro de 1972. Entretanto, o ano seguinte trouxe novos e poderosos desdobramentos no Watergate. No decurso do julgamento dos acusados, em janeiro, todos foram considerados culpados pelo júri e não implicaram ninguém na tentativa de invasão. As suspeitas de que eles estariam protegendo os mandantes do crime deram novo contorno ao caso, que tomou forma de escândalo político midiático, largamente transmitido por meios impressos e pela televisão.

Na caçada por novas informações sobre o ocorrido, Woodward e Bernstein conseguiram contatar um funcionário de alta patente do FBI que passou a colaborar

com suas investigações jornalísticas, desde que fosse preservado seu sigilo como fonte. O denunciante – de codinome “Deep Throat” (Garganta Profunda) – confirmava ou negava dados descobertos pelos repórteres e assentia ou desacreditava informações obtidas por intermédio de outras fontes. Diante do alvoroço, o Senado dos Estados Unidos formou comitê seletor para averiguar os acontecimentos. De 17 de maio até o verão de 1973, as reuniões foram televisionadas.

No fim de junho, John Dean, ex-conselheiro cassado por Nixon, depôs no comitê e efetivamente implicou o presidente no caso. No mês seguinte, Alexander Butterfield, antigo assistente do chefe pessoal de Nixon, revelou em depoimento que o governante havia instalado um sistema encoberto para gravar conversas nos seus escritórios na Casa Branca. A notícia fez com que a comissão no Senado escrevesse ao presidente pedindo para escutar fitas que julgavam importantes para o desenrolar das investigações. De início, as solicitações foram recusadas de forma reiterada por Nixon. Porém, os atos enfraqueceram severamente a posição dele perante a opinião pública e, quando o Congresso começou a corroborar sobre seu *impeachment*, o presidente reconsiderou a decisão e forneceu as fitas solicitadas.

Por mais de um ano, Nixon e os investigadores bateram de frente com relação à entrega de outras gravações, contra as quais o comandante em chefe protestava e manobrava para atrasar o fornecimento dos arquivos. O baque insustentável veio com a divulgação da fita que continha conversas de 23 de junho de 1972. Nelas, o presidente fala com seu chefe pessoal, Robert Haldeman, em elaborar estratégia para obstruir as averiguações do FBI sobre a tentativa de invasão ao quartel-general do Partido Democrata. Aconselhado por assessores a renunciar de imediato para evitar a divulgação do conteúdo dos áudios, Nixon decidiu entregar a transcrição juntamente com uma declaração de desculpas e avaliar a reação do público. Não recebendo o respaldo positivo desejado, renunciou ao cargo em 8 de agosto de 1974. O Watergate teve consequências significativas nas formas de exercício do poder político nos Estados Unidos e na orientação política dos meios de comunicação do país.

3.2.2 CASOS BRASILEIROS

No Brasil, a eclosão de escândalos midiáticos – especialmente aqueles que envolvem corrupção no campo político – tem ocorrido frequentemente nas últimas décadas. Nesse sentido, Guareschi observa que, no contexto brasileiro, a maior parte dos escândalos midiáticos são de natureza político-financeira, “com alguns poucos exemplos de escândalos de abuso de poder e tráfico de influências, mas que, fundamentalmente, têm como objetivo o enriquecimento ilícito” (2002, p. 14).

Escândalos importantes marcaram os anos 1950 no Brasil, o mais conhecido sendo o que levou ao suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 1954, a partir de uma série de denúncias de corrupção e abuso de poder promovidas por seu algoz, o ex-governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda. O período compreendido entre 1960 e 1964 trouxe nova onda de críticas e polêmicas divulgadas na imprensa diária que contribuíram para a renúncia de Jânio Quadros, assim como para a queda de João Goulart e posterior instauração do regime militar.

Durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), a ocorrência de escândalos diminuiu quase que totalmente em função da severa censura dos governantes aos grandes veículos de comunicação. Os poucos casos divulgados nesse íterim vieram à tona exatamente por intermédio da imprensa alternativa, menos suscetível à repressão da máquina militar. Após a redemocratização, a década de 1990 trouxe novamente o escândalo midiático ao cotidiano nacional. O famoso caso Collor, que levou à renúncia do então presidente, abriu caminho para uma série de casos, como o de PC Farias, dos *anões* do orçamento, além de inúmeros escândalos no Senado Federal e na Câmara dos Deputados.

3.2.3 ESCÂNDALOS NO FUTEBOL BRASILEIRO

Consideramos neste estudo como “escândalos no futebol brasileiro” quatro casos que envolveram a CBF e seus dirigentes a partir do início da gestão de Ricardo Teixeira à frente da entidade (1989) até 2015.² O recorte se dá desta forma por similaridades entre os acontecimentos e o escândalo Fifa e pelo significativo número de casos envolvendo o órgão e seus cartolas no período.

² Informações disponíveis nas páginas <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2015/06/07/15/> e <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/pior-que-o-7x1-os-escandalos-que-a-cbf-ja-esteve-envolvida> (último acesso em: 25/10/2016)

CBF/NIKE

Em 1999, veio a público que o contrato firmado entre CBF e Nike dava à empresa de material esportivo estadunidense poder sobre o calendário de partidas da seleção brasileira. Na época, foi aberta CPI na Câmara dos Deputados para investigar os pormenores do negócio, na qual Ricardo Teixeira depôs para explicar as supostas irregularidades. Entretanto, não houve parecer conclusivo do comitê. Atualmente, a Justiça dos Estados Unidos afirma que houve pagamento de propina entre as partes para consolidar o trato.

SUBORNO À ISL

Relatório do Comitê de Ética da Fifa divulgado em 2013 apontou que a CBF, na figura de Teixeira, enquanto membro do Comitê Executivo e Organizador da Copa do Mundo, havia recebido subornos da empresa suíça de marketing esportivo *International Sport and Leisure* (ISL) para firmar e renovar contratos relacionados aos direitos de transmissão e marketing dos Mundiais. De acordo com a Justiça suíça, Teixeira e João Havelange teriam recebido cerca de 45,5 milhões de reais em propinas.

AMISTOSO SUPERFATURADO EM BRASÍLIA

Em 2008, Brasil e Portugal jogaram amistoso na capital federal. O jogo terminou com vitória brasileira por 6 a 2 e marcou a reinauguração do estádio Bezerrão, no Gama. Organizada pela Ailanto Marketing, empresa pertencente ao ex-presidente do Barcelona Sandro Rosell, a partida custou 9 milhões de reais ao Governo do Distrito Federal (GDF). Documentos apreendidos pela Polícia Federal em 2012 revelaram que a CBF recebeu 705 mil reais da Ailanto Marketing, que superfaturou os custos do amistoso, desviando mais de 11 milhões de reais do GDF.

PROPINA NA COPA DO MUNDO DO BRASIL

O jornalista britânico Andrew Jennings, da *British Broadcasting Corporation* (BBC), acusou, em 2010, Teixeira e Havelange de embolsarem 9,5 milhões de dólares em propinas para conceder contratos de exclusividade em transmissões e patrocínios da Copa do Mundo do Brasil, a ser realizada quatro anos depois. Em maio de 2011, Jennings afirmou que Teixeira havia sido condenado pela Justiça suíça a devolver o dinheiro do suborno. O cartola negou as acusações e processou o jornalista na Justiça brasileira. O esquema teria continuado na gestão de José Maria Marin no comando da CBF.

4. NEWSMAKING

Inicialmente, os estudos na área comunicacional se preocuparam em investigar as mensagens e os efeitos produzidos por elas quando difundidas através dos meios de comunicação de massa (teoria hipodérmica, teoria crítica etc.), ao passo que os estudos sobre os emissores “confinaram-se, no seu conjunto, aos níveis mais baixos das operações produtivas dos *mass media*” (HALLORAN apud WOLF, 1995, p. 160).

Especialmente a partir do fim da primeira metade do século XX, as pesquisas começam a se debruçar sobre os emissores e sobre os processos produtivos. Estes trabalhos analisam a lógica dos processos nos quais a construção das mensagens é efetivada (WOLF, 1995, p. 161).

Segundo Hohlfeldt, a hipótese do *newsmaking* (o “fazer” da notícia) enfatiza a “potencial transformação dos acontecimentos em notícia” (2010, p. 203). Em outras palavras, passou-se a investigar por que a notícia – unidade primordial da prática jornalística – é como é. “Saber escolher entre os milhares de acontecimentos cotidianos é o primeiro trabalho do jornalista”, afirma Phillippe Gaillard (1966), citado por Mário Erbolato (2002, p. 50). Nem tudo o que acontece acaba virando notícia. Assim sendo, os jornalistas exercem papel importante na seleção noticiosa. Ademais, o processo de noticiabilidade, ou seja, a escolha do que deve ou não ser classificado como tal sofre influências de vários fatores (políticos, econômicos, ideológicos e culturais, apenas para enumerar alguns).

4.1 GATEKEEPER

Uma análise pioneira sobre o papel do jornalista na seleção dos fatos cotidianos como noticiáveis ou não é a promovida pelo pesquisador norte-americano David Manning White com relação à figura do *gatekeeper*. A definição de *gatekeeper* (selecionador, porteiro) se origina no estudo elaborado em 1947 pelo psicólogo alemão-americano Kurt Lewin sobre dinâmicas presentes em grupos sociais com relação aos problemas ligados à mudança de hábitos alimentares. No trabalho, o pesquisador identifica grupos ou indivíduos que decidem pela passagem ou bloqueio de determinada informação (LEWIN apud WOLF, 1995, p. 162).

Em 1950, o teórico norte-americano David Manning White desenvolve uma pesquisa com o intuito de aplicar o conceito à produção noticiosa nos órgãos de informação e, assim, identificar pontos que funcionem como “cancelas” nas quais o fluxo informativo passe ou seja rejeitado. Para tanto, faz um estudo de caso: observa como o editor de um jornal de uma cidade de 100 mil habitantes no centro-oeste americano – nomeado como *Mr. Gates* – seleciona as notícias que serão publicadas.

White descobre que, de cada dez despachos de acontecimentos provenientes de diversas agências, apenas um é publicado no jornal, ou seja, é considerado por *Mr. Gates* como possuidor das qualidades de notícia (*newsworthiness*). A pesquisa também revela que “das 1.333 explicações para a recusa de uma notícia, cerca de 800 atribuíam-na à falta de espaço e cerca de 300 referiam ou uma sobreposição com histórias já selecionadas ou falta de interesse jornalístico ou falta de qualidade de escrita” (HIRSCH apud WOLF, 1995, p. 162). O fator tempo também impactou o resultado da pesquisa.

Em termos práticos, o grande mérito deste e de outros estudos sobre o tema foi individualizar onde, no aparelho institucional jornalístico, a filtragem é exercida. White observa ativamente a atividade do editor voltada especificamente para o processo de seleção noticiosa. Posteriormente, o caráter individual do processo de *gatekeeping* é contestado e ultrapassado por outros conceitos presentes nas teorias do jornalismo. A partir destes estudos, o que se acentua é a ideia da seleção dos fatos como “processo hierarquicamente ordenado e ligado a uma rede complexa de feedback” (WOLF, 1995, p. 163).

4.2 NOTICIABILIDADE

Como os acontecimentos se tornam notícias? Baseados em quê os jornalistas classificam fatos como noticiáveis ou não? Como escolher a notícia? Ao analisarmos o papel dos emissores de mensagens na mídia de massa, em particular por meio da seleção das notícias, estamos trabalhando constantemente na busca de respostas para estes e outros questionamentos na esfera da noticiabilidade.

Mas o que é, afinal, noticiabilidade? Uma definição possível é dada por Wolf, ao afirmar que a noticiabilidade se constitui “pelo conjunto de requisitos que se

exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias” (1995, p. 169). Para ele, ela está relacionada diretamente às rotinas produtivas, na busca por “introduzir práticas produtivas estáveis numa ‘matéria-prima’ (os fatos que ocorrem no mundo) que é, por natureza, extremamente variável e impossível de predizer” (1995, p. 170).

O norte-americano David Altheide conceitua assim a noticiabilidade:

As notícias são aquilo que os jornalistas definem como tal. Este assunto raramente é explicitado, visto que parte do *modus operandi* dos jornalistas é que as coisas acontecem ‘lá fora’ e eles limitam-se simplesmente a relatá-las. Afirmar que fazem ou selecionam arbitrariamente as notícias seria contrário à sua posição epistemológica, uma teoria do conhecimento implícita, construída a partir de procedimentos práticos para resolver exigências organizativas. (ALTHEIDE, 1976, apud WOLF, 1995, p. 171)

Já o português Nelson Traquina a apresenta como o “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 63). A partir de ângulo prático, Mario Erbolato diz que “a notícia deve ser recente, inédita, verdadeira e de interesse público” (2002, p. 55). Pragmático, o autor ressalta o papel do interesse público no processo de noticiabilidade dos fatos, mas também afirma que “não existe critério fixo para escolher e selecionar uma notícia que venha a ser bem aceita” (2002, p. 58).

Há consenso entre os estudiosos – independentemente de tenderem mais à esfera abstrata ou utilitária – de que um conjunto de elementos ligados ao âmbito jornalístico e às práticas da profissão dá a determinado fato a caracterização como noticiável ou não. No entanto, existe também a noção de que estes critérios de noticiabilidade são variáveis conforme fatores como tempo, interesses empresariais, rotinas produtivas, entre outros. Portanto, a questão fomenta e continuará a suscitar significativas e incessantes discussões no domínio das teorias do jornalismo e da comunicação.

4.3 VALORES-NOTÍCIA

Inseridos na lógica da noticiabilidade, os fatos são avaliados e elencados através de valores-notícia, estabelecidos no campo das práticas profissionais dos jornalistas, que, segundo Wolf, devem responder à seguinte pergunta: “Quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (1995, p. 175). De acordo com Michael Kunczik, os valores de informação se constituem como suposições intuitivas dos jornalistas em referência aos acontecimentos que chamam a atenção de determinado público (2002, p. 243).

Em perspectiva similar, voltada ao âmbito intuitivo, Érik Neveu fala em “sentir o valor da informação” (2006, p. 90) e explica que princípios simples como objetividade, singularidade, carga emocional dos acontecimentos e suas consequências podem fazer parte dos parâmetros que regem o fato dotado de noticiabilidade (*newsworthiness*), mas “nada disso dá uma ‘fórmula’ simples” do processo (idem). Utilizando metáfora de Bourdieu (1997, p. 12), Traquina diz que os valores-notícia são os “óculos particulares” dos jornalistas (2005, p. 77).

Muitos autores entendem valores-notícia e critérios de noticiabilidade como sinônimos. Assim sendo, os valores-notícia igualmente se apresentam como entidades dinâmicas, mutantes, que experimentam interferência de inúmeros aspectos dos contextos social e jornalístico (organizacional e pessoal) nos quais se inserem e apresentam. Nas palavras de Alfredo Vizeu:

Os valores-notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção, isto é, não estão presentes só na seleção de notícias, mas participam de todas as operações anteriores e posteriores à escolha. Eles são dinâmicos, mudam em função de aspectos culturais, sociológicos e das tecnologias. (2005, p. 27)

4.4 SISTEMATIZAÇÕES DOS VALORES-NOTÍCIA

Não obstante, existem tentativas no campo acadêmico no sentido de sistematizar os valores-notícia. O esforço inaugural foi promovido pelo estudo de Johan Galtung e Mari Ruge (1965). Ao analisarem os elementos que afetavam a composição e fluxo do noticiário estrangeiro, os autores enumeraram doze valores-notícia dos acontecimentos: frequência; amplitude; clareza (ou falta de ambiguidade); significância; consonância (facilidade de inserir o “novo” numa “velha”

ideia que corresponda ao que se espera que aconteça); inesperado; continuidade; composição (equilíbrio do noticiário); referência a nações de elite; referência a pessoas de elite; personalização (referência a pessoas envolvidas); e negatividade (TRAQUINA, 2005, p. 69/70). Segundo eles, quanto mais destes valores um fato possuir, maior a chance de ser noticiado. Além disso, explicam, um acontecimento pode compensar a falta de um valor com o excesso de outro.

Outro trabalho sistemático foi levado a cabo pelos acadêmicos canadenses Richard Ericson, Patricia Baranek e Janet Chan (1987), no qual definem os valores-notícia como “múltiplos, entrecruzados” (TRAQUINA, 2005, p. 73) e elaboram a seguinte lista dos critérios: simplificação (similar à clareza de Galtung e Ruge, e também ligada à proximidade cultural de um fato); dramatização (desenvolvimento dramático da ação); personalização; continuidade; consonância, inesperado e infração. No Brasil, Luiz Beltrão propõe dez critérios para identificar e julgar acontecimentos noticiáveis: proximidade, proeminência, consequências, raridade, conflito, idade e sexo, progresso, drama e comédia, política editorial e exclusividade (cf. 2006, p. 84-85).

Um empreendimento semelhante é efetuado por Mário Erbolato. O autor procura responder à indagação “de que maneira se procede à escolha de assuntos que consigam contentar os que compram ou assinam os jornais?” (2002, p. 60) com um conjunto de valores-notícia que, “embora não aceitos pela unanimidade, chegam a motivar o público” (idem) ao se referirem a: proximidade; marco geográfico (relacionado à notícia em si, não a sua procedência); impacto (abalo moral, causado nas pessoas por fatos chocantes); proeminência (pessoas importantes); aventura e conflito (assassinato, rixas); consequências (epidemia que ocorre na China a princípio não tem espaço nos jornais brasileiros, mas, se houver a possibilidade de o surto chegar ao Brasil, terá); humor (entretenimento); raridade; progresso; sexo e idade; interesse pessoal; interesse humano; importância; rivalidade (esporte); utilidade; política editorial do jornal; oportunidade (motivo para publicação); dinheiro; expectativa ou suspense; originalidade; culto de heróis; descobertas e invenções; repercussão; e confidências.

Para Nilson Lage, os critérios de avaliação se subdividem entre aqueles relacionados a “impulsos psicológicos inatos” (2001, p. 92), como agressividade (libertação), sexualidade, possessivismo (alimentar) e protetivismo; e outros

localizados no campo das avaliações empíricas, como proximidade, atualidade, identificação, intensidade, ineditismo e oportunidade. Já a pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Gislene Silva baseia-se em três instâncias: critérios de noticiabilidade na origem dos fatos, com abordagem sobre características como conflito, curiosidade, proximidade e tragédia, por exemplo; no tratamento dos fatos, centrados na seleção hierárquica deles e na produção noticiosa em si, desde condições organizacionais até fatores da cultura profissional dos jornalistas; e na visão dos fatos, sobre fundamentos ético-epistemológicos como objetividade e interesse público (2005, p. 95).

4.5 CATEGORIZAÇÕES DOS VALORES-NOTÍCIA

4.5.1 MAURO WOLF

Partindo do ponto de vista de uma especialização temática que indica como os valores-notícia se traduzem em práticas organizacionais, Mauro Wolf interpreta que os mesmos derivam de pressupostos implícitos ou considerações relativas:

- 1) às características substantivas das notícias, que estabelece relação com a transformação do fato em algo noticiável (conteúdo);
- 2) à disponibilidade do material, concernente aos processos de produção em determinada plataforma informativa (produto);
- 3) ao público, no que diz respeito aos receptores e/ou destinatários do conteúdo informativo;
- 4) à concorrência, referente às relações mercadológicas entre os veículos informativos. (1995, p. 179-180)

Para o teórico, os critérios substantivos giram em torno de dois fatores: importância e interesse da notícia (idem). No que tange a condição de importância da notícia, ele reconhece quatro variáveis de influência: grau e nível hierárquico dos envolvidos (pessoas e nações de elite, proposto por Galtung e Ruge); impacto sobre a nação e interesse nacional (proximidade geográfica e cultural com o leitor); quantidade de pessoas que envolve (de fato ou potencialmente); e relevância e

significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de determinada situação (duração prolongada) (p. 180-183). Wolf considera a questão do interesse da notícia como de avaliação mais aberta ao subjetivo, a partir de sua capacidade de entreter (especialmente por meio do apelo ao interesse humano), a qual situa em posição privilegiada na hierarquia dos valores-notícia (p. 184).

Quanto aos critérios relativos ao produto, referentes à acessibilidade dos acontecimentos aos jornalistas e às particularidades do veículo informativo, devem estar em harmonia com a lógica produtiva da redação, vista em todas as suas restrições de execução noticiosa. Desta forma, Golding e Elliot (1979) abarcam no grupo a brevidade, que permite às empresas jornalísticas escolhas mais amplas na seleção factual (WOLF, 1995, p.185). Igualmente, a negatividade (*bad news is good news*), entendida como aquilo que altera a ordem usual das coisas ao promover um desvio, uma infração, é relevante ao produto informacional. “Quanto mais negativo, nas suas consequências, é um acontecimento, mais probabilidades tem de se transformar em notícia” (GALTUNG-RUGE, 1965, apud WOLF, 1995, p.185).

Outro parâmetro relacionado ao produto é a atualidade, no sentido de que as notícias devem estar preferencialmente relacionadas aos fatos ocorridos no dia do noticiário, ou, nas palavras de Golding e Elliot (1979), “o mais possível em cima do momento da transmissão do noticiário” (apud WOLF, 1995, p. 187). A qualidade da história também constitui um valor informativo do material. Gans (1979) aponta cinco critérios para que se avalie a qualidade do relato: a ação (quanto mais ilustra visualmente o fato, melhor é a notícia); o ritmo (quando a notícia é desprovida de ação, busca-se torná-la menos enfadonha a partir de processos de apresentação); o caráter exaustivo (se fornece todos os pontos de vista possíveis sobre determinado assunto); a clareza da linguagem; e os padrões técnicos (idem). Para Wolf, o critério final relativo ao produto é o equilíbrio, compreendido como composição balanceada do noticiário (1995, p. 188).

Os critérios relativos ao público dizem respeito à imagem que os jornalistas têm dos receptores das informações. Gans (1970), citado por Wolf, afirma que o dever dos jornalistas é apresentar programas que informem o público, e não se preocupar em satisfazê-lo (p.191). Com base em Golding e Elliot (1979), o autor aponta a estrutura narrativa, percebida na sua “capacidade de atração do material

que acompanha a notícia, do entretenimento e da importância da notícia” (idem), como fundamento relacionado à audiência.

A partir de Gans (1979), Wolf menciona também outras três categorias: notícias que permitem uma identificação por parte do espectador; notícias ligeiras, “que não oprimam o espectador, nem com demasiados pormenores, nem com histórias deprimentes ou sem interesse” (ibidem); e notícias de serviço. Por fim, há ainda a medida da proteção, ou seja, não se noticiar fatos cuja cobertura poderia provocar “traumas ou ansiedade no público” ou ferir “sua sensibilidade ou seus gostos” (1995, p. 192).

Na classe dos critérios relativos à concorrência, Gans (1979) ressalta que a competição existente entre veículos de comunicação origina três tendências que ressaltam alguns valores-notícia: a concentração das coberturas em pessoas de elite; o surgimento de expectativas recíprocas entre concorrentes, aumentando a probabilidade de uma notícia ser selecionada por se esperar que os jornais rivais façam o mesmo; e, partindo da tendência anterior, o desencorajamento de inovações na seleção e produção noticiosas (1995, p. 193).

4.5.2 NELSON TRAQUINA

“Os valores-notícia estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística, ou seja, no processo de seleção dos acontecimentos e no processo de elaboração da notícia, isto é, no processo de construção da notícia”, indica Traquina (2005, p. 78). Alicerçado em Wolf, ele sugere duas categorias de valores-notícia: os de seleção – subdivididos em critérios substantivos, que se referem à avaliação direta dos fatos em termos de importância e interesse, e contextuais, relacionados ao contexto produtivo das notícias – e os de construção (idem).

Dentre os critérios substantivos localizados nos valores-notícia de seleção, o primeiro apontado pelo autor é a morte. “Onde há morte, há jornalistas” (2005, p. 79). Em seguida, aparece a notoriedade possuída pelos atores centrais do fato. Presente em análises de diversos autores, a proximidade é novamente destacada, em termos geográficos e culturais. Posteriormente, exalta-se o papel da relevância (impacto na vida das pessoas) como valor-notícia da comunidade jornalística. O tempo, na forma de atualidade, efeméride e continuidade jornalísticas, também

assume contornos como critério substantivo. A partir da noção do fato como visível e/ou tangível, a notabilidade – seja por meio da quantidade de pessoas envolvidas, da inversão (contrário do normal), do insólito, da falha ou do excesso – é considerada por Traquina. O inesperado, o conflito (ou a controvérsia) e a infração fecham a listagem de critérios substantivos dos valores-notícia de seleção (p. 79-85).

No tocante aos critérios contextuais dos valores notícia de seleção, alusivos ao processo produtivo e não as características do acontecimento propriamente dito, Traquina enfatiza preliminarmente a disponibilidade, ou seja, “a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento” (2005, p. 88). Depois, fala sobre o equilíbrio, argumentando que a noticiabilidade ou não do fato deve levar em conta a quantidade de notícias existentes sobre o mesmo no produto informativo em curto intervalo de tempo. A visualidade, entendida como a presença ou ausência de elementos visuais, como fotografias ou filmes, também compõe a listagem. Por fim, o pesquisador aponta concorrência e o dia noticioso como elementos contextuais dos valores-notícia de seleção (p. 88-91).

Acerca dos valores-notícia de construção, o estudioso ressalta inicialmente a simplificação. “Quanto mais um acontecimento é desprovido de ambiguidade e complexidade, mais possibilidades tem a notícia de ser notada e compreendida” (2005, p. 91). A amplificação também se configura como componente do grupo, segundo o autor. Logo depois, surge a relevância como fator constituinte. A personalização, ou seja, “valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento: acentuar o fator pessoa” (p. 92); a dramatização (reforço de aspectos emocionais e conflituosos) e a consonância (narrativa bem estabelecida) concluem a sistematização de Traquina sobre os valores-notícia.

5. CASO FIFA

Em 27 de maio de 2015, o mundo do esporte – especialmente o do futebol – sofreu um severo golpe na sua credibilidade. Logo nas primeiras horas do dia, o *Baur au Lac*, hotel cinco estrelas acostumado a hospedar célebres convidados, em Zurique, na Suíça, recebeu inspeção incomum da polícia local. A razão da “visita” era ainda mais atípica. Os agentes estavam ali para prender sete dirigentes da Federação Internacional de Futebol (Fifa) acusados de suposto envolvimento em esquemas de corrupção.

Entre os detidos, estavam o então vice-presidente da instituição, Jeffrey Webb, um ex-vice-presidente, Eugenio Figueredo, e cinco chefes de associações de países componentes do colégio eleitoral da Fifa formado por 209 nações: Eduardo Li, Julio Rocha, Costas Takkas, Rafael Esquivel e o brasileiro José Maria Marin, ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Horas depois, outro antigo subchefe da Fifa, Jack Warner, se entregou às autoridades em Trinidad e Tobago. A reunião dos cartolas em Zurique tinha objetivo definido. Ainda naquela semana, eles participariam do pleito para eleger o novo presidente da entidade, sediada na cidade suíça.

A ação levada a cabo por oficiais locais decorria de três anos de averiguações comandadas por dois órgãos investigativos dos Estados Unidos: a Agência Federal de Investigação (FBI) e o Departamento de Justiça. Ao todo, 18 pessoas eram acusadas de pagamento e recebimento de propinas por contratos de patrocínio e direitos de transmissão firmados para a realização de torneios de futebol nas Américas.

O estopim para a série de investigações que terminou com o encarceramento dos cartolas em Zurique foi a apuração de provas e consequente prisão do norte-americano Chuck Blazer por desvios de dinheiro e recebimento de propinas quando era secretário-geral da Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (Concacaf).

No acordo de colaboração feito com as autoridades dos Estados Unidos, o ex-dirigente confessou seus crimes financeiros e concordou em contar tudo o que sabia sobre o submundo dos subornos e propinas no âmbito da Fifa. Como resultado, a delação implicou o ex-presidente da Concacaf e ex-vice-presidente da

Fifa, Jack Warner, parceiro de Blazer, seus dois filhos, Darryl e Darian Warner e o empresário brasileiro José Hawilla, mais lembrado apenas como “J. Hawilla”. Por meio das confissões dos quatro indiciados, especialmente Hawilla, surgiram as provas necessárias para esmiuçar o esquema de corrupção no futebol nas Américas. Outros dois brasileiros foram citados no inquérito como coconspiradores por supostamente dividirem parte da propina recebida por José Maria Marin: Ricardo Teixeira, ex-presidente da CBF, e Marco Polo Del Nero, atual manda-chuva da entidade.

No livro *Ladrões de bola*, que conta a história do escândalo desencadeado pela prisão dos dirigentes, o jornalista Rodrigo Mattos, em termos descomplicados, explica que o esquema consistia “em um típico ‘toma lá dá cá’” (MATTOS, 2016, p. 10) no qual “os dirigentes embolsavam dinheiro e cediam direitos de marketing e televisivos de campeonatos como a Copa América e a Copa Libertadores da América para quem lhes pagasse” (idem).

Mas, se as condutas ilegais ocorreram em todo o continente americano, qual a razão para que as autoridades dos Estados Unidos tomassem as rédeas das investigações? Mattos expõe duas causas relevantes para o protagonismo norte-americano no caso.

Primeiro, a maior parte dos crimes tinha sido cometida com transferências de dinheiro para o território norte-americano, ou mesmo por contratos realizados no país. As acusações giravam em torno de três delitos graves pela lei norte-americana: conspiração, fraude eletrônica e lavagem de dinheiro. Segundo, o fio da meada da investigação fora obtido ao se chegar ao norte-americano Chuck Blazer, ex-membro do Comitê Executivo da entidade e poderoso por mais de vinte anos no futebol até ser afastado por corrupção. (idem, p. 11)

De imediato, em virtude da ampla divulgação pela imprensa internacional, as prisões dos dirigentes impactaram negativamente a imagem da Fifa perante o grande público. A primeira reação da entidade veio em nome do presidente, Joseph Blatter, que declarou apoio às investigações por meio de nota oficial. “Entendemos o desapontamento que muitos estão expressando e sei que os eventos de hoje (27/05/15) irão impactar a forma como muitas pessoas nos veem. Vamos continuar

trabalhando energicamente com as autoridades competentes a fim de erradicar qualquer má conduta.”³

Aparentemente sob controle da situação, uma vez transmitida a mensagem de concordância com a operação policial, Blatter decidiu manter a eleição presidencial da instituição – na qual concorreria ao quinto mandato consecutivo como figura maior – para 29 de maio, dois dias após a detenção dos cartolas. Na data marcada, o suíço venceu o único algoz, Ali bin al-Hussein, príncipe da Jordânia e novamente prolongou seu longo mandato à frente da Fifa.

Todavia, dias após a reeleição, a justiça estadunidense desferiria duro e insustentável golpe à continuidade de Blatter como presidente da maior organização do futebol mundial. Em matéria veiculada no tradicional jornal *The New York Times* a polícia norte-americana, dando seguimento às investigações, apontou Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa e fiel escudeiro de Blatter, como responsável pela transferência de 10 milhões de dólares para o pagamento de propinas a associações ligadas a Jack Warner. Ainda segundo o *Times*, a conta usada para movimentar o montante pertencia à instituição.

No dia seguinte, 2 de junho (uma semana após a prisão dos dirigentes em Zurique), diante do complexo e injustificável cenário, Joseph Blatter anunciou que convocaria novas eleições à presidência da Fifa e sairia do cargo quando o novo comandante fosse eleito. Em outras palavras, após quase 18 anos no leme da maior entidade esportiva do planeta, Blatter abandonou o barco e renunciou ao quinto mandato seguido.

5.1 BRASILEIROS ENVOLVIDOS

Por questão de grau de relevância no processo, delimitamos aqui como sujeitos envolvidos os dirigentes da Fifa detidos pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos no esquema de corrupção (Jack Warner, Jeffrey Webb, Eugenio Figueredo, Eduardo Li, Julio Rocha, Costas Takkas, Rafael Esquivel e José Maria Marin); indivíduos que se declararam culpados, fizeram acordo de delação com as

³ Na reportagem “Ação é dura, mas benéfica para o futebol, afirma Fifa”, publicada em 28/05/2015 na *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2015/05/28/15/> (último acesso em: 10/11/2016)

autoridades americanas e, através das confissões, muniram a polícia estadunidense de provas contra figuras importantes da Fifa (Chuck Blazer, Daryl Warner, Darian Warner e José Hawilla); cartolas brasileiros citados no inquérito (Ricardo Teixeira e Marco Polo Del Nero); e presidente e secretário-geral da Fifa, diretamente impactados com o desenrolar do escândalo (Joseph Blatter e Jérôme Valcke). Assim sendo, quatro brasileiros fazem parte do grupo: José Hawilla, Ricardo Teixeira, José Maria Marin e Marco Polo Del Nero.

Mais conhecido como J. Hawilla, José Hawilla⁴ foi repórter esportivo, passando por diversos veículos de comunicação, como TV Globo e TV Record. No início dos anos 1980 começou o projeto de desenvolver o marketing esportivo no Brasil a partir da compra da companhia Traffic. O grande mercado da empresa consistia em comprar direitos de transmissão de eventos futebolísticos (Copa do Brasil, Copa América, Copa Ouro, Eliminatórias para a Copa do Mundo etc.) e promovê-los, ou seja, revendê-los, pelo planeta.

Acusado pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos por conspiração, fraude eletrônica, lavagem de dinheiro – por meio do recebimento de propina pela comercialização dos direitos de transmissão de diversos campeonatos de futebol – e obstrução da Justiça, Hawilla fechou acordo com o órgão para reconhecer a culpa dos delitos e colaborar nas investigações sobre corrupção na Fifa. Seu depoimento à Justiça estadunidense auxiliou na produção de acusações contra dirigentes da entidade, que culminou na prisão dos dirigentes na Suíça.

Ricardo Teixeira⁵ foi introduzido no mundo do futebol pelo ex-sogro e então presidente da Fifa, João Havelange. Com apoio de Havelange, Teixeira foi eleito presidente da CBF em 1989. Naquele contexto, a entidade se encontrava em dificuldades financeiras, como afirma Rodrigo Mattos.

Em 1989 era irrisório o dinheiro privado disponível na CBF. A situação financeira da entidade era de tal forma frágil que ele (Teixeira) admitia ter dificuldades para pagar a campanha do time brasileiro nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1990. O que havia ali de

⁴ Informações disponíveis nos portais “O Globo” (<http://oglobo.globo.com/esportes/j-hawilla-dono-do-nosso-futebol-2998400>) e “Terceiro tempo” (<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou-j-hawilla-1267>) (último acesso em 25/10/2016)

⁵ Informações disponíveis nos portais “Terceiro tempo” (<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou-ricardo-teixeira-4437>) e “Trivela” (<http://trivela.uol.com.br/ricardo-teixeira-assumia-cbf-ha-25-anos-e-muita-achava-que-isso-era-uma-boia-noticia/>) (último acesso em 25/10/2016)

receita era um contrato de transmissão de eliminatórias que não chegava a 500 mil dólares, outro de placa de publicidade, mordidas nas rendas de bilheteria de times de futebol e nos contratos do Campeonato Brasileiro. E só. (idem, p. 28)

No decorrer de sua gestão – marcada por inúmeros escândalos e polêmicas – o cartola transformou a CBF em uma forte empresa de capital privado e o futebol brasileiro em um grande negócio. Em fevereiro de 2012, reportagens da *Folha de S. Paulo* revelaram que o dinheiro para a realização de um amistoso da seleção brasileira em Brasília havia sido desviado para posse de Teixeira por meio de intermediários. No mês seguinte, desgastado perante a opinião pública, ele renunciou à presidência da CBF após 23 anos.

O sucessor de Teixeira foi José Maria Marin⁶. Como vice-presidente mais velho na época da renúncia, assumiu o controle da entidade entre 2012 e 2014. Um ano depois, Marco Polo Del Nero⁷ substituiu Marin na chefia da organização. Desde o início de seu mandato, em abril de 2015, se licencia constantemente do cargo para se defender de acusações presentes em investigações realizadas pelo FBI, CPI do Futebol no Congresso Nacional e Comitê de Ética da Fifa. Não viaja ao exterior há mais de um ano com receio de ser preso pelas autoridades dos Estados Unidos.

5.2 FIFA E FOLHA DE S.PAULO

Nesta seção apresentaremos informações importantes sobre as principais componentes institucionais do estudo: Fifa e *Folha de S.Paulo*. A Federação Internacional de Futebol⁸ (Fifa) foi fundada em 21 de maio de 1904 em Paris, na

⁶ Informações disponíveis nos portais “Memórias da Ditadura” (<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/jose-maria-marin/>) e “Terceiro tempo” (<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/jose-maria-marin-2094>) (último acesso em 25/10/2016)

⁷ Informações disponíveis nos portais da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (<http://www.cbf.com.br/a-cbf/presidente-marco-polo/biografia-do-presidente#.WAZPHSMrJEI>), “Terceiro tempo” (<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/marco-polo-del-nero-4481>) e Veja São Paulo (<http://vejasp.abril.com.br/materia/marco-polo-del-nero-perfil-cbf>) (último acesso em 25/10/2016)

⁸ Informações disponíveis no portal da Fifa (<http://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/history/index.html>) e no Globoesporte.com (<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2016/02/ex-secretario-geral-da-uefa-gianni-infantino-e-eleito-presidente-da-fifa.html>) (último acesso em 25/10/2016)

França. Em 1974, o brasileiro João Havelange assumiu a presidência da entidade e rapidamente a transformou em uma organização dinâmica voltada para o acúmulo de capital financeiro. Em 1998, o suíço Joseph Blatter foi eleito sucessor de Havelange e deu continuidade à estratégia financeira agressiva. Ele presidiu a Fifa até 2015, quando renunciou ao cargo após escândalo de corrupção que envolveu notórios dirigentes do órgão, incluindo o secretário-geral, Jérôme Valcke, seu braço direito. Atualmente, a instituição é presidida pelo suíço-italiano Gianni Infantino, eleito em fevereiro deste ano.

A *Folha de S. Paulo*⁹ foi fundada oficialmente em 1921. Durante os anos 1980, a *Folha* se tornou o jornal de maior circulação no Brasil. Em fevereiro de 1991, o veículo reorganizou a produção noticiosa em novos cadernos diários: Brasil, Mundo, Dinheiro, Cotidiano e Esporte. Seis anos mais tarde, o jornal lançou o mais recente projeto editorial. De acordo com dados de pesquisas elaboradas pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), entre 2002, data da primeira medição, e 2014, a *Folha de S. Paulo* é em 10 anos o jornal impresso de maior tiragem e circulação entre os diários nacionais. Em 2015, ocupa a terceira colocação com média de circulação diária de 189.254 exemplares.

⁹ Informações disponíveis do portal da *Folha*
(http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm
e http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml) (último acesso em 25/10/2016)

6. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para executar a tarefa de identificar os valores-notícia presentes na cobertura jornalística impressa da *Folha de S.Paulo* sobre o escândalo de corrupção envolvendo dirigentes da Fifa em 2015, optamos por utilizar a ferramenta metodológica conhecida como análise de conteúdo.

Proposta pela professora de Psicologia da Universidade de Paris Laurence Bardin, a análise de conteúdo se configura como um aglomerado de técnicas que podem ser utilizadas para analisar os processos comunicacionais (2009, p. 31). Essa metodologia busca desvendar sentidos contidos nos textos através da soma de inferências do pesquisador e processos técnicos que validem esses atos interpretativos.

Historicamente, segundo Bardin, a análise de conteúdo se desenvolveu inicialmente nos Estados Unidos, a partir de estudos de imprensa e propaganda feitas por Harold Laswell, em 1915. No entanto, a expansão das aplicações da técnica começou na década de 1940, incitada principalmente por questões relacionadas a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

No período, o governo norte-americano passou a encorajar análises que revelassem potenciais propagandas subversivas, particularmente ligadas ao nazismo, em textos de jornais e revistas do país. Boa parte destes estudos foi realizada na Escola de Jornalismo de Columbia, em Nova York. Em décadas posteriores, a análise de conteúdo passou a ser aplicada em campos como Sociologia e Psicologia.

Ao discorrer sobre o método, Bardin enumera dois objetivos principais. A análise de conteúdo pretende auxiliar na ultrapassagem da incerteza e no enriquecimento da leitura (p. 29). Do mesmo modo, a autora indica duas funções preponderantes da ferramenta metodológica.

- Uma *função heurística*; a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise de conteúdo “para ver o que dá”.
- Uma função de *administração de prova*. Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisória servindo de diretrizes, apelarão para o método da análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação. É a análise de conteúdo “para servir de prova”. (2009, p. 30)

A análise de conteúdo pode ser feita por duas linhas: a quantitativa e a qualitativa. A característica primordial da quantitativa é o foco na frequência de aparições de certos elementos no texto, no nosso caso, jornalístico (notícia), a partir de métodos estatísticos. Contrariamente, a qualitativa não recorre aos indicadores de frequência, relacionando-se, sobretudo, à elaboração de inferências sobre um fato. Apesar de não negar todas as formas de quantificação, essa vertente é mais arriscada pois se concentra no processo mental da inferência, aplicada a presença e não frequência de determinado índice textual.

6.1 ETAPAS DE ANÁLISE

Bardin organiza a análise de conteúdo em três etapas cronológicas distintas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos por meio da inferência e interpretação. (2009, p. 120-128)

A pré-análise consiste na sistematização das ideias iniciais do analista e o estabelecimento de programa de trabalho. Em termos práticos, subdividida em três tarefas: escolha dos documentos, formulação de hipóteses/objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (p. 121). Esta fase supõe a constituição de um corpus de pesquisa, que deve obedecer quatro regras básicas: exaustividade; (uma vez definido, não se pode deixar elementos de fora do corpus sem justificativa rigorosa); representatividade (amostra representativa do todo); homogeneidade (critérios precisos de escolha) e pertinência (corresponder ao objetivo da análise) (2009, p. 122-124).

Terminado o estágio introdutório, passa-se à exploração do material, a partir de aplicação sistemática das decisões já tomadas e desenvolvimento de operações de codificação, decomposição e enumeração dos índices textuais, de acordo com regras previamente estabelecidas (2009, p. 127). Finalmente, ocorre o tratamento dos resultados analisados para que sejam “significativos e válidos” (idem), por meio de inferências e interpretações do analista.

Descritas a ferramenta metodológica que utilizaremos neste trabalho e suas etapas estruturais, passaremos agora à aplicação da análise de conteúdo no estudo

dos valores-notícia na cobertura impressa da *Folha de S. Paulo* sobre o escândalo de corrupção na Fifa em 2015.

6.2 COBERTURA

Antes de delimitarmos o corpus da pesquisa e iniciarmos o estudo dos valores-notícia, convém apresentar um conjunto de dados gerais sobre a cobertura impressa da *Folha*. No entanto, faremos já aqui o recorte temporal que nos guiará em todas as etapas de análise. O período escolhido totaliza a primeira semana de cobertura, entre 28 de maio e 3 de junho de 2015, desde a prisão dos dirigentes da Fifa à renúncia do presidente Joseph Blatter em decorrência do ambiente adverso instaurado pelas investigações e por golpes negativos desferidos à sua imagem pública através da enorme atenção jornalística ao caso.

Nesta seção, primeiramente, serão contabilizados na capa e em cinco editoriais – Opinião, Poder, Ilustrada, Folha Corrida e Esporte – componentes como matérias, fotos, colunas, notas, manchetes, entre outros. Em seguida, será feita a quantificação dos repórteres responsáveis pela cobertura, além de cidades e países dos quais os profissionais enviaram informações com relação ao tema.

Na divisão cronológica estabelecida, o escândalo Fifa esteve – em diferentes intensidades – sempre presente na capa da *Folha*. Em quatro das sete datas (28, 29, 2 e 3) a manchete do jornal foi sobre o assunto. “Maior escândalo da história do futebol leva oito cartolas à cadeia” foi a do dia de eclosão do caso, que ainda teve três submanchetes. Na totalidade, cinco fotos estamparam a capa do diário, como a de Joseph Blatter deixando o púlpito no qual fez o discurso de renúncia à presidência da entidade, em 3 de junho.

O espaço também foi ocupado por 21 chamadas – dez para matérias, sete para colunas no caderno de esportes, duas para a editoria de opinião (coluna e editorial) e outro par destinado à seção Poder (nota e entrevista) – dez abres para textos localizados no interior do periódico (nove para matérias e um para análise), três sutiãs e um infográfico.

A importância atribuída pela *Folha* ao escândalo Fifa pode ser similarmente identificada em dois editoriais dedicados ao objeto no caderno de opinião: “Cartão Vermelho”; que ressaltou a necessidade de maior transparência no futebol e foi divulgado na data inicial da cobertura; e “Jogo Sujo”, veiculado dois dias depois (30),

que criticou a reeleição de Joseph Blatter à presidência da instituição apesar dos “sucessivos escândalos e das recentes prisões de dirigentes da federação internacional”.

Ademais, a temática foi abordada na subdivisão em oito artigos escritos por sete jornalistas (Bernardo Mello Franco, Paula Cesarino Costa, Hélio Schwartzman, Luiz Fernando Vianna, Igor Gielow, Ruy Castro e Carlos Heitor Cony), quatro charges elaboradas por quatro cartunistas (Jean Galvão, João Montanaro, Arnaldo Angeli Filho e Benett Alberto de Macedo) e 20 comentários – todos condenando a corrupção e cobrando providências de autoridades nacionais e estrangeiras – de leitores no Painel do Leitor.

No segmento Poder, a trama foi retratada em entrevista com o cientista político norte-americano Roger Pielke, coluna do jornalista Clóvis Rossi (“A tática de gritar pega ladrão”), duas notas e aspás no Painel da editora Vera Magalhães, além de quatro menções, três delas em colunas e uma no Ombudsman do jornal. A Ilustrada, editoria de cultura da *Folha*, teve quatro colunas do Macaco Simão – personagem humorístico criado pelo jornalista José Simão – e duas notas escritas pela colunista Mônica Bergamo que trataram do tema, também abordado na *Folha Corrida*, parte que resume o conteúdo do diário, por meio de foto, duas frases (Blatter e Marco Polo Del Nero) e um par de manchetes da semana.

6.2.1 CADERNO DE ESPORTES

Uma vez feita a contabilidade de componentes na capa e em quatro seções auxiliares, passaremos à quantificação no caderno Esporte, que abrigou a grande maioria dos elementos da cobertura jornalística feita pela *Folha* sobre o escândalo de corrupção envolvendo dirigentes da Fifa em 2015. Começaremos a aferição na capa, seguiremos nos itens contidos nas páginas interiores da editoria e terminaremos com o total estabelecido pela soma das partes.

O escândalo Fifa ocupou isoladamente a capa da seção de esportes em todos os dias da semana escolhida para análise (28 de maio a 3 de junho de 2015). Assim como a página frontal do veículo, a capa de esportes teve manchete e três submanchetes na data de aparecimento do escândalo. Nos dias examinados, foram publicadas 13 matérias (cinco principais e oito submatérias), dez fotos, três

chamadas – uma para artigo e duas para matérias – e uma coluna, além de infográfico, abre e olho.

Já na porção interna, a temática ocupou quase 90 por cento do conteúdo nas três primeiras datas (28, 29 e 30). Apesar do protagonismo, perdeu certo espaço entre 31 de maio e 1º de junho. Porém, no dia seguinte, ganhou força máxima novamente a partir da denúncia de envolvimento do secretário-geral, Jérôme Valcke, no esquema de corrupção e se manteve na crista da onda de atenção jornalística com a renúncia de Blatter à chefia da Fifa em 3 de junho.

O centro do caderno de esportes preenchido por 38 matérias (18 principais e 21 submatérias), 22 fotos (uma de página dupla), 10 notas, 9 fotomontagens (duas de página dupla), 6 colunas, 5 olhos, 3 análises e textos discorrendo sobre repercussões dos acontecimentos, duas linhas do tempo, um par de infográficos, charge, gráfico e espaço de perguntas/respostas sobre o assunto. A tabela 1 mostra o total de elementos da cobertura jornalística.

Tabela 1: Total de elementos da cobertura jornalística

Cobertura Caderno Esporte	Capa	Interior	TOTAL
Matéria	13	38	51
Principal	5	18	23
Submatéria	8	20	28
Foto	10	21	31
Foto página dupla	0	1	1
Fotomontagem	0	7	7
Fotomontagem página dupla	0	2	2
Coluna	1	6	7
Análise	0	3	3
Olho	1	5	6
Nota	0	10	10
Infográfico	0	2	2
Repercussão	0	3	3
Linha do tempo	0	2	2
Pergunta e resposta	0	1	1
Charge	0	1	1
Gráfico	0	1	1
Chamada	3	0	3
Manchete	1	0	1
Submanchete	3	0	3
Abre	1	0	1

Fonte: Elaboração do autor

6.2.2 PAÍSES, CIDADES E REPÓRTERES

Geograficamente, a cobertura foi fragmentada entre 11 cidades de seis países: Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Teresópolis), Suíça (Zurique e Berna), Estados Unidos (Nova York e Washington), França (Paris), Inglaterra (Londres) e México (Cidade do México). Brasil e Suíça foram protagonistas, tendo concentrado 33 e 16 matérias, respectivamente. Cinco foram elaboradas em solo norte-americano e três, em território francês. Inglaterra e México contribuíram com um texto cada.

Com relação às cidades, São Paulo (20 matérias) e Zurique (15) traduziram os papéis principais dos países. Seis reportagens foram montadas em Brasília, cinco no Rio de Janeiro, quatro em Nova York, três em Paris e duas em Teresópolis. Londres, Washington, Berna e Cidade do México participaram com uma cada. É importante lembrar que matérias podem ser feitas com informações de mais de uma localidade, logo, a somatória das mesmas por critério geográfico será maior que o total produzido.

No que diz respeito aos repórteres, 22 alocados em países e cidades acima foram responsáveis pela cobertura jornalística feita pela *Folha* sobre o escândalo Fifa. Entre eles, dois foram enviados especiais à Suíça (Leandro Colón e Bernardo Itri). Elencaremos abaixo, em ordem decrescente, oito jornalistas que fizeram mais de uma matéria durante a cobertura.

- 1) Leandro Colón (enviado especial à Suíça e Inglaterra) – 15 matérias (13 de Zurique, uma de Berna e uma de Londres)
- 2) Bernardo Itri (São Paulo, depois enviado especial à Suíça) – 10 matérias (oito de Zurique, uma de Berna e uma de São Paulo)
- 3) Sérgio Rangel (Paris depois Teresópolis) – sete matérias (quatro de Paris e três de Teresópolis)
- 4) Rafael Reis (São Paulo) – seis matérias
- 5) Marcel Rizzo (São Paulo) – cinco matérias
- 6) Giuliana Vallone (Nova York) – três matérias
- 7) Marco Antônio Martins (Rio de Janeiro) – duas matérias
- 8) Paulo Passos (São Paulo) – duas matérias

Outros 14 repórteres participaram produzindo uma reportagem cada: Nelson de Sá, Joana Cunha, Tiago Ribas, Fabiano Maisonnave e Graciliano Rocha, de São Paulo; Gabriel Mascarenhas, Valdo Cruz, Andréia Sadi, Marina Dias e Natuza Nery, de Brasília; Raul Juste Lopes, de Washington; Sylvia Colombo, da Cidade do México; Jeré Longman, em colaboração do *New York Times*; e André Barcinski, em colaboração para a *Folha*.

6.3 CORPUS DA PESQUISA

Dentre as possibilidades de composição do corpus da pesquisa, definimos como tal o conjunto das 51 matérias publicadas no caderno Esporte – seção que concentrou a virtual totalidade dos textos jornalísticos – da *Folha* sobre o escândalo Fifa entre 28 de maio e 3 de junho de 2015, a primeira semana de cobertura, da prisão dos dirigentes da entidade à renúncia de Joseph Blatter à presidência da Fifa. Entendemos que a identificação dos valores-notícia implica investigação dos textos de conteúdo jornalístico.

A cobertura sobre o tema se estende por alguns meses após a prisão dos cartolas (27 de maio). Porém, torna-se cada vez mais espaçada e esporádica após a semana inicial. Durante o período escolhido são veiculadas 51 matérias. Entre 4 de junho e 4 de julho, ou seja, no mês seguinte, a *Folha* publica 32 textos. Consideramos que a possibilidade de estudar os valores-notícia é ampliada quanto mais “quente” – no jargão jornalístico – é o fato noticiado. Assim sendo, julgamos o corpus escolhido exaustivo, representativo, homogêneo e pertinente aos objetivos do trabalho.

6.4 DEFINIÇÃO DOS VALORES-NOTÍCIA PARA ANÁLISE DA COBERTURA

Dentre as várias sistematizações e categorizações dos valores-notícia formuladas pelos teóricos do jornalismo, nos apropriaremos da lista elaborada por Nelson Traquina. A escolha se dá, principalmente, por julgarmos pertinente a distinção feita pelo autor entre valores-notícia de seleção – subdivididos em critérios substantivos e contextuais – e construção. A partir dessa diferenciação, influenciada

pelo estudo de Mauro Wolf e inexistente nas sistematizações de outros acadêmicos aqui citados, entendemos que é possível a leitura e análise do processo produtivo jornalístico como um todo, desde a seleção dos acontecimentos à construção da notícia. Ademais, consideramos o repertório de valores-notícia de Traquina mais completo e conciso, uma vez que abarca com propriedade definições de outros estudiosos.

Isto posto, resumiremos brevemente a categorização composta por Traquina. Em primeiro lugar, ele especifica os valores notícia de seleção, presentes “na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento” (2005, p.78), e os particulariza em critérios substantivos, que dizem respeito ao apelo do fato em termos de importância e interesse, e contextuais, concernentes ao cenário de produção noticiosa. Posteriormente, elenca valores-notícia de construção, que delineiam “o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (idem).

No âmbito dos valores-notícia de seleção, os critérios substantivos são: morte, notoriedade (dos atores principais do acontecimento), proximidade (geográfica e/ou cultural), relevância (impacto do fato na vida das pessoas), novidade, tempo (atualidade, efeméride e/ou duração), notabilidade (acontecimento tangível/visível), inesperado (rompimento da ordem), conflito/controvérsia (violência física e/ou simbólica) e infração (violação e/ou transgressão das regras). Os critérios contextuais se apresentam da seguinte forma: disponibilidade (facilidade em fazer a cobertura), equilíbrio (do noticiário), visualidade (qualidade das imagens), concorrência e dia noticioso (dia rico em acontecimentos com valor-notícia ou não).

Por valores-notícia de construção entendem-se os seguintes critérios: simplificação (tornar a notícia menos ambígua), amplificação (do fato), relevância (demonstrar que a notícia tem significado para as pessoas), personalização (valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento), dramatização (reforço dos aspectos críticos, lado emocional e natureza conflituosa) e consonância (inserir acontecimento em narrativa já estabelecida).

Nesse momento, consideramos importante frisar que o presente trabalho mescla elementos da análise quantitativa e qualitativa. O processo investigativo se organiza a partir de uma quantificação aplicada no corpus escolhido para chegarmos a determinadas conclusões sobre quais são os valores-notícia presentes – e se há

protagonismo de alguns – na cobertura do escândalo Fifa. Para tanto, faremos um exame qualitativo, ou seja, de inferência e interpretação dos valores-notícia nos textos.

Nosso foco não se localiza em expressões linguísticas específicas, e sim em questões contextuais – explícitas e implícitas – do conteúdo das mensagens, no caso, das matérias veiculadas na *Folha de S.Paulo*. Apesar de reconhecermos o papel das imagens na organização das reportagens, acreditamos, em consonância com Fabiane Moreira, que elas compõem as notícias por razões diversas daquelas que levam acontecimentos aos jornais e que a análise dos valores-notícia nas fotos deve ser objeto específico de pesquisa (2006, p. 94).

O aspecto estético, a qualidade da informação contida na imagem e o inusitado do momento da captação são fundamentais na seleção de fotos, que tanto podem exercer a função de ilustrar uma notícia como podem ser a própria notícia (idem).

6.5 VALORES-NOTÍCIA NA COBERTURA DA FOLHA DE S.PAULO SOBRE O ESCÂNDALO FIFA

Procederemos a análise dos valores-notícia examinando separadamente cada categoria arquitetada por Traquina. Inicialmente, estudaremos os critérios substantivos, envolvidos na classe dos valores-notícia de seleção. Depois, voltaremos nossa atenção aos critérios contextuais, também inseridos no grupo. Por fim, vamos nos debruçar sobre os valores-notícia de construção. Ao utilizarmos essa sistemática, conseguiremos averiguar com maior precisão a presença e comportamento dos valores-notícia nas diferentes etapas do processo produtivo jornalístico.

6.5.1 CRITÉRIOS SUBSTANTIVOS DOS VALORES-NOTÍCIA DE SELEÇÃO

Este agrupamento corresponde aos atributos próprios dos acontecimentos que são avaliados – em termos de interesse e importância – na esfera da noticiabilidade por membros da comunidade jornalística. Aqui, buscamos identificar critérios que nos permitam avançar na busca de respostas para a seguinte questão:

“quais valores-notícia relacionados ao fato estão presentes na cobertura jornalística da *Folha* sobre o caso Fifa”?

A tabela 2 mostra a quantidade de matérias nas quais os critérios substantivos são identificados a partir de dois recortes: em cada dia específico e na somatória da semana de cobertura. Consequentemente, a enumeração é limitada ao número total de textos jornalísticos sobre o tema, respeitando as mesmas configurações.

Tabela 2: Critérios substantivos identificados nas matérias

Valores-notícia de seleção Critérios substantivos	Matérias							Semana
	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia	
Conflito / Controvérsia	8	7	4	4	3	2	5	33
Inesperado	1	2	1	0	2	2	1	9
Infração	8	8	8	5	6	5	5	45
Morte	0	0	0	0	0	0	0	0
Notabilidade	3	1	2	2	1	3	2	14
Notoriedade	8	8	7	5	4	6	6	44
Novidade	7	7	8	4	4	4	5	39
Proximidade (Cultural)	8	4	2	5	2	3	3	27
Proximidade (Geográfica)	4	5	3	1	1	3	3	20
Relevância	1	1	1	1	1	0	1	6
Tempo (Atualidade)	8	5	5	2	3	3	4	30
Tempo (Duração)	0	6	6	5	3	3	4	27
TOTAL	8	9	9	6	6	6	7	51

Fonte: Elaboração do autor

Em 28 de maio, primeiro dia de cobertura, é possível destacar alguns valores-notícia: notoriedade, proximidade (cultural), tempo (atualidade), conflito/controvérsia e infração estão presentes nas oito matérias veiculadas sobre o escândalo Fifa. Além desses, o critério novidade aparece em sete textos jornalísticos. Esse protagonismo ocorre visto que o conteúdo das reportagens, como o da inaugural “Marin e mais seis dirigentes devem ser levados aos EUA”, ressalta a condição notória dos dirigentes e organismos envolvidos, o caráter de transgressão de suas práticas e o elemento novo/atual do acontecimento.

Uma operação policial contra a corrupção sem precedentes na história do futebol deteve o ex-presidente da CBF José Maria Marin, 83, e outros seis dirigentes da Fifa durante um congresso da entidade em

Zurique (Suíça). A ação ocorreu a pedido do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e teve a participação do FBI, a polícia federal norte-americana. Segundo o Departamento de Justiça dos EUA, a maior parte do esquema envolvia subornos e propinas entre dirigentes da Fifa e executivos do setor na comercialização de jogos e direitos de marketing de vários campeonatos.¹⁰

Na data seguinte, notoriedade e infração, identificados em oito das nove matérias publicadas, seguem como atores principais. No entanto, duas vertentes até então pouco apontadas ganham espaço em um par de critérios: a geográfica, no valor proximidade, e a de duração, no fator tempo. Isso porque já nesse momento, os textos – entre eles “Preocupado com CPI, Del Nero deixa congresso da Fifa” – buscam ligar o escândalo Fifa à reputação duvidosa da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e de seus dirigentes. Ademais, manter em pauta a discussão sobre corrupção no futebol passa a ser um dos objetivos. A reportagem “PF abre 13 inquéritos sobre a CBF e não conclui nenhum” ilustra o cenário.

Os nove textos do terceiro dia de cobertura trazem o protagonismo dos fatores novidade e infração, manifestos em oito. As declarações inéditas de dirigentes, especialmente Joseph Blatter e Marco Polo Del Nero, negando acusações são as grandes responsáveis pela situação. A presença acentuada de referências aos envolvidos e matérias que possam sustentar o tema no debate público resultam na manutenção da notoriedade e do tempo (duração) como critérios-chave.

Em 31 de maio, cinco das seis reportagens apresentam os fatores notoriedade, infração, proximidade (cultural) e tempo (duração). Ao proceder a análise, é possível assinalar na data uma tendência de realce ao número de sujeitos notórios ligados à Fifa implicados em práticas escandalosas como ferramenta de noticiabilidade. Na capa do caderno Esporte, a matéria “Escândalos já derrubaram 10 da elite da Fifa em 5 anos” é “esquentada” – apesar de conter fatos velhos, é publicada com nova roupagem – para dar continuidade à cobertura da corrupção no futebol. O valor notabilidade, a partir da quantidade de pessoas envolvidas, aparece duas vezes.

¹⁰ (Folha de S.Paulo, “Marin e mais seis dirigentes devem ser levados aos EUA”. Original disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2015/05/28/15/>. Acessado em 13/11/2016).

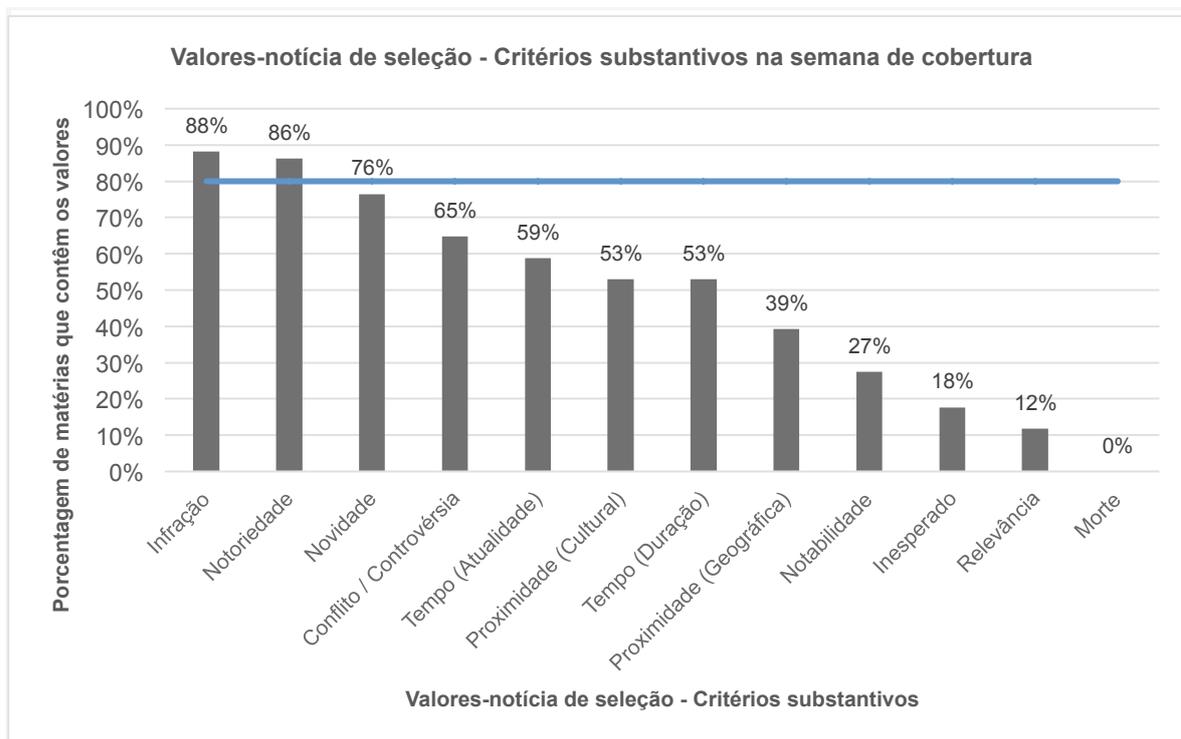
O parâmetro de infração domina o primeiro dia de junho, sendo identificado em todos os seis textos jornalísticos. Isso ocorre essencialmente pela publicação da reportagem “Del Nero negociou contratos e aprovou Marin com assinatura”, que desmente a afirmação dada pelo chefe da CBF dias antes, na qual ele nega participação em qualquer contrato firmado quando era vice-presidente na gestão de José Maria Marin, preso na operação que deflagra o escândalo de corrupção na Fifa. Além da principal, são feitas duas submatérias explorando o acontecimento.

Nas seis matérias veiculadas em 2 de junho, os critérios substantivos de notoriedade (seis ocorrências), infração (cinco) e novidade (quatro) assumem papéis centrais por meio da revelação feita pelo *The New York Times* e reproduzida pela *Folha* do envolvimento de Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa, no esquema de corrupção. Além disso, a matéria “Valcke movimentou propina, diz jornal” dá ao valor do inesperado, compreendido como surpresa da comunidade jornalística, um espaço maior na data específica.

No sétimo e último dia analisado, composto por sete reportagens, o fato destacado é a renúncia de Joseph Blatter à presidência da Fifa. A página frontal da editoria abarca o texto “Acuado, Blatter renuncia ao comando da Fifa”. No interior do caderno, o conteúdo das matérias foca na figura de Blatter e nas consequências de sua renúncia para o mundo do futebol. Assim sendo, notoriedade (seis aparições), infração e novidade (cinco cada) mantêm o primado sobre os fatores relacionados ao acontecimento que atuam na sua seleção como notícia.

O gráfico 1 expõe a porcentagem de matérias nas quais cada critério substantivo dos valores-notícia de seleção pode ser identificado. Aqui, é importante ressaltar que tomamos a decisão metodológica de destacar fatores presentes em mais de 80 por cento dos textos, em outros termos, apresentados em quatro de cada cinco. Essa escolha também será aplicada às categorias de valores-notícia esmiuçadas posteriormente. Com base nessa informação, é possível evidenciar claramente a primazia de dois parâmetros: infração e notoriedade.

Gráfico 1: Porcentagem de matérias que contêm cada critério substantivo



Fonte: Elaboração do autor

A presença imperante da infração corrobora com a visão de Traquina, quando afirma que este valor-notícia é o que está mais associado ao escândalo, “acontecimento que é fulcro para a comunidade jornalística” (2005, p. 85). O autor relaciona a presença do critério com a “situação mítica do jornalista como ‘cão de guarda’ das instituições democráticas” (idem). Consideramos que a preponderância do fator se relaciona diretamente com elementos integrantes da cultura jornalística, como as noções de “cão de guarda” e “quarto poder”. Noticiar um escândalo, ou seja, um fato que infringe regras e valores por meio de uma transgressão, sobleva o papel do jornalismo como uma espécie de benfeitor social, que põe luz sobre práticas obscuras e moralmente reprováveis.

Com relação à proeminência da notoriedade, acreditamos que atua como pilar que sustenta a infração no topo dos critérios substantivos observados. Em outras palavras, quanto maior for o renome e prestígio das pessoas e instituições envolvidas, mais chances a infração possui de ser digna de noticiabilidade (*newsworthiness*), captar o interesse dos receptores e perpetuar a pauta suscitada pelo assunto no veículo de comunicação, neste caso o jornal impresso.

Caso o escândalo de corrupção noticiado pela *Folha* envolvesse funcionários de primeiro escalão da Fifa ou dirigentes da Federação de Futebol do Distrito Federal (FFDF), não teria a mesma noticiabilidade – medida em termos de espaço e duração – no jornal. Na porção seguinte, passaremos à análise dos critérios contextuais dos valores-notícia de seleção.

6.5.2 CRITÉRIOS CONTEXTUAIS DOS VALORES-NOTÍCIA DE SELEÇÃO

Como já foi observado, essa categoria integra critérios relativos ao contexto produtivo das notícias, ou seja, ao processo estabelecido nas redações para definir os fatos como notícias ou não. Esses fatores, não relacionados às características dos acontecimentos, dizem respeito especialmente às rotinas produtivas e preocupações mercadológicas das empresas jornalísticas.

A tabela 3 expressa o número de matérias nas quais os critérios contextuais são designados a partir dos recortes já explicitados: em cada dia específico e na somatória da semana de cobertura. Assim, a quantificação é limitada ao número total de reportagens a respeito do assunto, respeitando os mesmos parâmetros.

Valores-notícia de seleção Critérios contextuais	Matérias							Semana
	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia	
Concorrência	8	8	9	6	4	4	6	45
Dia noticioso	0	0	0	0	0	0	0	0
Disponibilidade	6	5	5	4	4	5	5	34
Equilíbrio	0	0	0	0	0	0	0	0
Visualidade	2	2	4	2	2	2	3	17
TOTAL	8	9	9	6	6	6	7	51

Em função da menor alternância entre a identificação de critérios nas matérias durante os dias da semana, ou seja, um ou dois valores-notícia aparecem sempre com maior frequência, não procederemos aqui o exame diário para expor possíveis oscilações entre os fatores de noticiabilidade. A decisão metodológica servirá também ao estudo posterior dos valores-notícia de construção.

Ao longo da cobertura, a concorrência prevaleceu sobre os demais critérios contextuais. Antes de tratarmos analiticamente essa informação, é necessário comentar a ausência dos valores equilíbrio e dia noticioso. Segundo Traquina, o

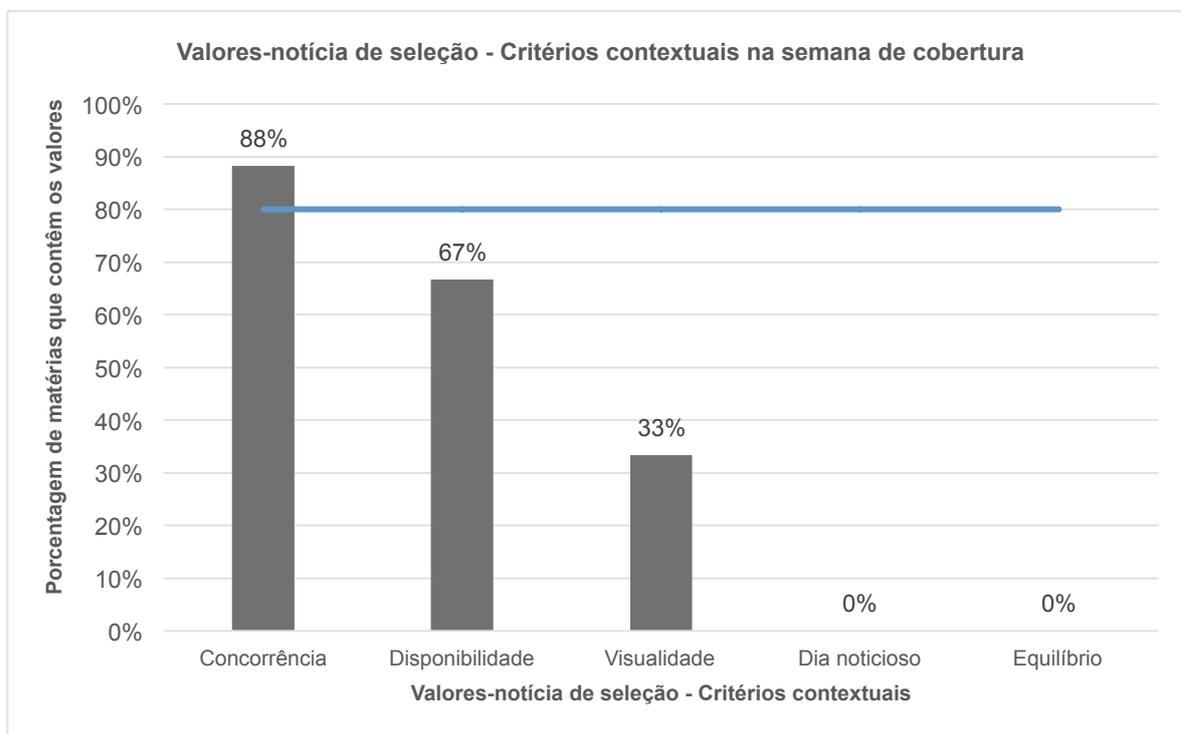
equilíbrio está relacionado com a quantidade de notícias sobre determinado acontecimento ou assunto “que já existe ou que existiu há relativamente pouco tempo no produto informativo de uma empresa jornalística” (2005, p. 88). O acadêmico afirma que, devido a este valor, o jornal pode racionalizar que um fato “não tem valor-notícia porque já demos isso há pouco tempo” (idem). Assim definido, o equilíbrio não foi identificado, afinal, o volume de notícias sobre o escândalo Fifa foi o carro-chefe da cobertura da *Folha* no período examinado.

Com relação ao dia noticioso, Traquina diz que “há dias ricos em acontecimentos com valor-notícia e outros dias pobres em acontecimentos com valor-notícia” (2005, p. 90), portanto, em certas datas eles possuem maior ou menor chance de virarem notícias. No entanto, em todos os dias analisados foram encontrados fatos com alto grau de noticiabilidade sobre temas relevantes (educação, saúde, política). Logo, o fator não foi efetivo na escolha do escândalo Fifa como produto informativo.

A disponibilidade, entendida como facilidade para cobrir o episódio, e a visualidade, como existência de material fotográfico de qualidade, estão presentes no conjunto estudado. Boa parte do material informativo é produzido em São Paulo ou em cidades nas quais a *Folha* tem sucursais e/ou correspondentes. Ademais, são encontrados elementos visuais apropriados em algumas reportagens. Porém, a quantidade de textos jornalísticos nos quais é possível constatar a concorrência como valor-notícia é substancialmente maior.

O gráfico 2 expõe a porcentagem de matérias nas quais cada critério contextual dos valores-notícia de seleção pode ser identificado. Como já foi observado, decidimos destacar valores presentes em mais de 80 por cento das matérias envoltas no corpus da pesquisa. Isso posto, analisaremos o papel da concorrência como protagonista.

Gráfico 2: Porcentagem de matérias que contêm cada critério contextual



Fonte: Elaboração do autor

A atuação do valor-notícia de concorrência pode ser constatada especificamente na busca da empresa por informações exclusivas, situação em que se tem o “furo” jornalístico, e na preocupação com não permitir o mesmo “furo” por parte das organizações concorrentes, o que resulta em uma tendência entre os jornalistas de andar em grupo.

Para ser o primeiro a ver alguma coisa, o jornalista está mais ou menos disposto a tudo e, como os jornalistas se copiam mutuamente, cada um deles para ultrapassar os outros, para fazer primeiro que os outros, ou para fazer de modo diferente dos outros, acabam por fazer todos a mesma coisa. (BOURDIEU, 1997, apud TRAQUINA, 2005, p. 90)

Entretanto, na situação de um escândalo, após a eclosão do mesmo, o fluxo informativo geralmente se dá por meio de declarações oficiais das pessoas e entidades implicadas, bem como da polícia ou organização investigativa, além de possíveis desdobramentos a partir da divulgação e leitura de documentos. À primeira vista, não existem muitas possibilidades de haver diferenças significativas entre coberturas. Essencialmente, não há material exclusivo. Entretanto, isso não

quer dizer que as empresas jornalísticas não irão delegar-se o protagonismo no processo informativo. Pelo contrário, entendemos que a soberania do fator concorrência como critério contextual indica a tentativa da *Folha* de reivindicar o papel de mediadora do escândalo Fifa no cenário informacional brasileiro.

No contexto prático e mercadológico da cobertura, o envio de dois repórteres especiais – Leandro Colón e Bernardo Itri – à Suíça e a mobilização de mais de vinte jornalistas indicam a inserção do diário na lógica do tentar “furar” e não ser “furado”. Além disso, a entrada na lógica da concorrência e a reivindicação do protagonismo podem ser constatadas no conteúdo das reportagens, entre elas, “Del Nero diz ser inocente e que não irá deixar a CBF”.

Apesar de não ter seu nome citado no processo, Del Nero, como revelou a *Folha* na quinta (28), tem sua participação no esquema sugerida nas investigações. As apurações indicam que ele teria dividido o recebimento de propina com Marin. A suspeita é que ele seja o “coconspirador 12”, citado no relatório do FBI em conversa de Marin sobre recebimento de suborno.¹¹

No trecho ilustrativo, apesar do caráter não exclusivo do documento e da falta de provas substanciais, a *Folha* chama para si a responsabilidade de mediar a narrativa informacional do escândalo a partir dos desdobramentos que dizem respeito ao presidente da CBF.

6.5.3 VALORES-NOTÍCIA DE CONSTRUÇÃO

A classe de valores-notícia de construção corresponde aos critérios que guiam a apresentação do produto noticioso, “sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 78). Podemos simplificar a conceituação operada pelo teórico afirmando que são partes do fato que merecem ser incluídas ou não na composição da notícia.

A tabela 4 indica o número de textos jornalísticos que abrigam cada valor-notícia de construção em dias específicos e na somatória da semana de cobertura.

¹¹ (*Folha de S.Paulo*. “Del Nero diz ser inocente e que não irá deixar a CBF”. Original disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2015/05/30/15/>. Acessado em 14/11/2016)

Dessa forma, há o limite de contabilização referente ao total de reportagens, respeitando os pressupostos já mencionados.

Valores-notícia de construção	Matérias							Semana
	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia	
Amplificação	6	2	6	4	4	4	2	28
Consonância	7	9	9	6	6	6	7	50
Dramatização	1	4	2	2	1	2	3	15
Personalização	7	8	6	5	4	6	6	42
Relevância	1	0	1	1	1	0	1	5
Simplificação	6	7	4	4	5	5	5	36
TOTAL	8	9	9	6	6	6	7	51

Fonte: Elaboração do autor

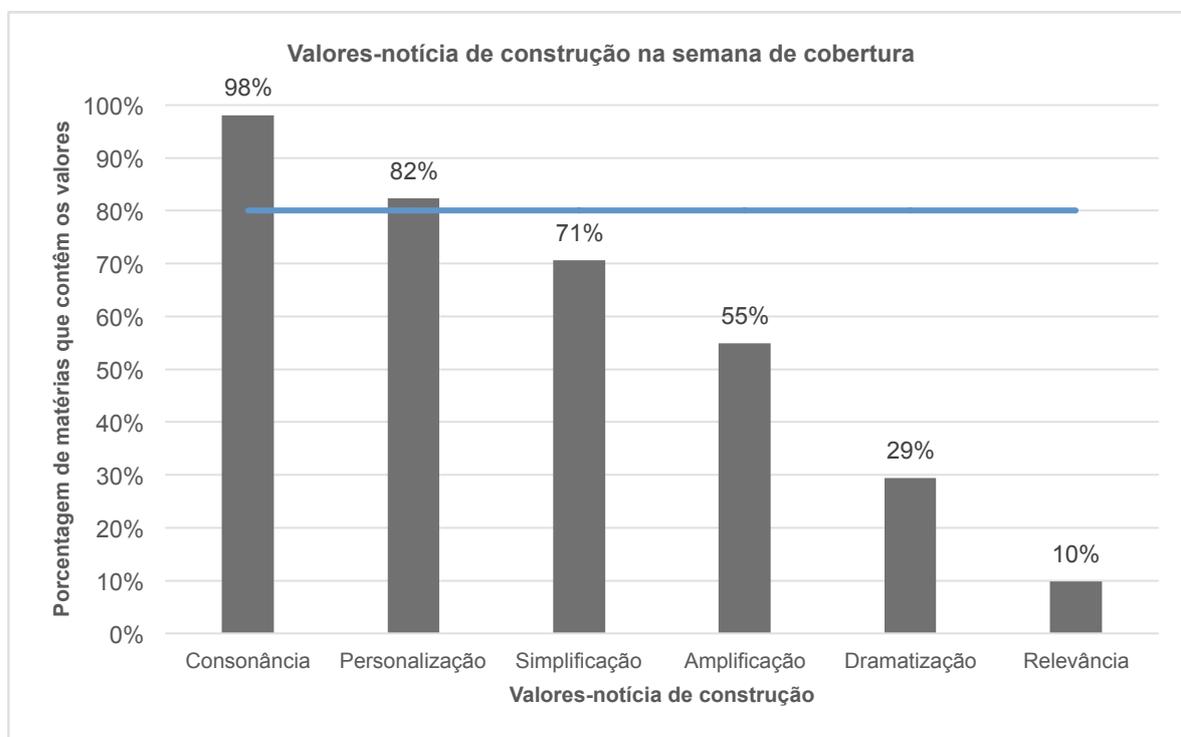
Assim como a concorrência aparece em maior número que outros critérios contextuais dos valores-notícia de seleção durante todos os dias analisados, a personalização e a consonância se destacam no grupo dos de construção das notícias. Fatores como relevância e dramatização podem ser encontrados em algumas matérias publicadas em momentos específicos, como no segundo dia de cobertura. O texto “Cartola deve ser principal alvo do Senado” surge como ilustração da relevância ao demonstrar que o escândalo Fifa reverbera na política nacional e pode ter significado maior na vida das pessoas. Já a reportagem “Em cela pequena, Marin passa bem, diz governo suíço”, exemplifica a dramatização, ao expor características do cárcere de José Maria Marin.

Os valores-notícia de simplificação e amplificação são identificados em maior frequência e intensidade ao longo do período aprofundado por se traduzirem em artifícios técnicos importantes no processo de composição das notícias sobre o escândalo. Amplificar declarações de Joseph Blatter foi uma estratégia adotada pela *Folha* nas matérias. “‘Mais notícias ruins virão’, afirma Blatter”, veiculada em 29 de maio, “‘Fifa não é um monstro’, afirma Blatter”, publicada no dia seguinte, e “Para Blatter, ação dos EUA não ‘cheira bem’”, ilustram o ponto. No que tange a simplificação, foi utilizada na tentativa de tornar as notícias sobre o tema – essencialmente ambíguas – mais facilmente compreensíveis ao grande público.

O gráfico 3 exprime a porcentagem de matérias nas quais cada valor-notícia de construção pode ser identificado. Dessa forma, ao mensurarmos a dimensão

central da personalização e da consonância na cobertura do escândalo Fifa, podemos nos debruçar analiticamente sobre esse cenário.

Gráfico 3: Porcentagem de matérias que contém cada critério de construção



Fonte: Elaboração do autor

Com relação ao protagonismo do valor-notícia de consonância, entendemos que se apresenta como condição necessária ao fenômeno do escândalo inserido no âmbito jornalístico e, indo mais além, no próprio contexto midiático. A cobertura de uma prática escandalosa não é feita com uma reportagem ou algumas reportagens. Consideramos que é crucial haver um período duradouro de divulgação de notícias para que o dado acontecimento se caracterize como um escândalo. Para isso, as matérias devem ser consonantes com a narrativa estabelecida, ou seja, precisam ser inseridas na lógica do caso. Nas palavras de Traquina, trata-se da “inserção da novidade num contexto já conhecido, com a mobilização de ‘estórias’ que os leitores já conhecem” (2005, p. 93).

Por sua vez, compreendemos que, na análise tangente ao escândalo, a personalização se relaciona de forma significativa com o critério substantivo da notoriedade. O caráter notório dos indivíduos envolvidos facilita a personalização,

que se soma ao interesse existente na reputação e posição privilegiadas dos sujeitos. Além disso, acreditamos que o escândalo cresce em termos de amplitude se há rostos que o representam. Na cobertura jornalística da *Folha* sobre o escândalo Fifa, os dirigentes – especialmente brasileiros – cumprem esse papel.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho buscamos relacionar uma categoria específica do jornalismo, o escândalo, com elementos próprios do âmbito da noticiabilidade, os valores-notícia. Para realizar a tarefa, objetivando identificar quais valores se apresentam como característicos no processo de seleção e construção do acontecimento considerado escandaloso, localizamos teoricamente o fenômeno e analisamos a cobertura da *Folha de S.Paulo* sobre o escândalo de corrupção envolvendo dirigentes ligados à Fifa ocorrido em 2015, utilizando a categorização dos valores-notícia elaborada por Traquina, que os agrupa em uma classe de seleção – subdividida em critérios substantivos e contextuais – e outra de construção. Dessa forma, julgamos que é possível compreender melhor a atuação dos parâmetros nas diferentes etapas da produção noticiosa.

O exame do conteúdo publicado na primeira semana, que se configurou no corpus da pesquisa, apontou o protagonismo de cinco valores-notícia. Entre os critérios substantivos da categoria de seleção, observamos a primazia da infração e da notoriedade. No campo dos critérios contextuais, verificamos o protagonismo da concorrência. Por fim, na esfera dos valores-notícia de construção, constatamos o predomínio da consonância e da personalização como fatores estruturais. Isso posto, é possível fazer algumas interpretações sobre esse cenário.

Como acontecimento que compete com tantos outros pelo reconhecimento como digno de noticiabilidade (*newsworthiness*), o escândalo se destaca especialmente por seu caráter de transgressão de normas e valores da sociedade, faceta salientada por Thompson (2002) e outros teóricos que tratam do assunto. Essa particularidade é capaz de atuar no realce de elementos típicos da cultura jornalística, como as noções dos profissionais como “cães de guarda” das organizações democráticas e da profissão como “quarto poder” que salvaguarda os outros três (Executivo, Legislativo e Judiciário). Contudo, consideramos que o aspecto de infração por si só não alça necessariamente a prática tida como escandalosa à condição de notícia. É oportuno que haja um ingrediente de notoriedade entre os implicados, ou seja, que a situação abranja sujeitos e/ou instituições célebres, de renome.

Uma vez inserido no contexto das rotinas produtivas do jornalismo, permeado por interesses empresariais, mercadológicos e econômicos, o escândalo se conecta ao critério da concorrência. Isso porquê, em decorrência da aparente escassez de material exclusivo de informação, potencializada especialmente após a eclosão do caso de transgressão, os veículos de comunicação buscam cada vez mais reivindicar protagonismo como mediadores do fluxo noticioso. Nessas circunstâncias, uma vez que as empresas informativas sabem da capacidade de venda contido no escândalo, aumenta o jogo competitivo para “furar” concorrentes com reportagens “exclusivas” e ao mesmo tempo não ser “furado” pelas rivais.

Já no processo de apresentação como notícia, o escândalo é caracterizado pela afinidade com a consonância e a personalização. Aqui, interpretamos a consonância como valor-notícia necessário ao desenvolvimento de um acontecimento jornalístico escandaloso, pois julgamos que, para que determinado episódio se configure como tal, a cobertura deve ser consideravelmente extensa, o que implica a presença de matérias consonantes com o tema central noticiado. Com relação à ênfase do fator pessoa, este expande a dimensão da prática escandalosa ao promover a identificação do público com o elemento humano e se relaciona essencialmente com o critério substantivo da notoriedade, posto que um facilita o relevo do outro.

Finalmente, é imprescindível frisar que esta pesquisa não ambiciona responder de forma definitiva às questões propostas nem estabelecer qualquer espécie de modelo para enquadrar os escândalos inseridos no campo do jornalismo no conjunto de valores-notícia aqui determinado. Cada caso pode apresentar uma lista própria de critérios que assumem papéis de maior e menor destaque na lógica jornalística da noticiabilidade.

Assim, o estudo pretende propor a reflexão sobre as práticas escandalosas como componentes do campo jornalístico, em particular no terreno da noticiabilidade, e dar algumas pistas de como elas se apresentam na conjuntura especificada. Consideramos que o escândalo detém vasto potencial como instrumento de investigação acadêmica. Nesse sentido, esperamos que a análise elaborada possa promover discussões e instigar pesquisadores no desenvolvimento de trabalhos futuros acerca do objeto.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Edições Omnia, Adamantina, SP: Edições Omnia, 2006
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHADE, Jamil. **Política, Propina e Futebol: Como o padrão Fifa ameaça o esporte mais popular do planeta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- FIGUEIREDO SOBRINHO, Carlos Peres de. **O caso “Maria do Socorro”: escândalo político, imprensa e eleições**. 2009. 232f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2009.
- GUARESCHI, Pedrinho. **Introdução à edição brasileira**. In: THOMPSON, John B. **O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- HOHLFELDT, Antônio. **Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação**. In: Teorias da comunicação – Conceitos, Escolas e Tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- JEBRIL, Nael. **Is Watchdog Journalism Satisfactory Journalism? A Cross-national Study of Public Satisfaction with Political Coverage**. Oxford, Inglaterra: University of Oxford: 2013.
- JENNINGS, Andrew. **Jogo Sujo – O mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos**. São Paulo: Panda Books, 2011.
- KUNCKIZ, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. 2ed. São Paulo: Edusp, 2002.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.
- LIMA, Venícia A. de. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- MARCONDES, Ciro. **Comunicação, Mídia e Política**. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro, 1994.
- MARQUES, Vitor William. **A construção do escândalo político midiático na Folha de S.Paulo**. 2015. 129f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2015.
- MATTOS, Rodrigo. **Ladrões de bola**. 1ed. São Paulo: Panda Books, 2016.
- MOLOTCH E LESTER. **As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos**. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo.** 2006. 157f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2006.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2006

PRIOR, Hélder. **Jornalismo e Escândalo político: tensões entre o público e o privado.** 2015. 18f. Artigo. Disponível em: http://www.academia.edu/24889562/Jornalismo_e_esc%C3%A2ndalo_pol%C3%ADtico_tens%C3%B5es_entre_o_p%C3%BAblico_e_o_privado .

PRIOR, Hélder. **Esfera Pública e Escândalo Político – A Face Oculta do Poder.** Porto: Media XXI, 2016.

ROCHER, Guy. **Sociologia Geral 3.** Lisboa: Editorial Presença, 1971.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade. Estudos em Jornalismo e Mídia.** Vol. II Nº 1 – 1º Semestre de 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>. Acessado em 15 de outubro de 2016.

SPECK, Bruno Wilhelm. **Fraude e corrupção como Desafios para as Democracias Contemporâneas.** In: KONRAD Adenauer Stiftung (Org). **A Democracia como Projeto para o Século XXI.** Konrad Adenauer Stiftung: Fortaleza, 1998.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. **O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo.** Florianópolis: Calandra, 2005

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 4ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

9. ANEXOS

Reportagens

28 de maio de 2015

Marin e mais seis dirigentes devem ser levados aos EUA

PRISÃO A pedido da Justiça norte-americana, todos foram detidos durante congresso da Fifa na Suíça

LEANDRO COLON
ENVIADO ESPECIAL A ZURIQUE
GIULIANA VALLONE
DE NOVA YORK

Uma operação policial contra a corrupção sem precedentes na história do futebol deteve o ex-presidente da CBF José Maria Marin, 83, e outros seis dirigentes da Fifa durante um congresso da entidade em Zurique (Suíça).

A ação ocorreu a pedido do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e teve a participação do FBI, a polícia federal norte-americana.

Além de Marin, foram detidos Jeffrey Webb, Eduardo Li, Julio Rocha, Costas Takas, Eugenio Figueredo e Rafael Esquivel. Todos foram banidos provisoriamente pela Fifa de todas as atividades relacionadas ao futebol.

Apesar de não ser mais o mandatário da CBF, Marin ainda ocupa a vice-presidência da entidade e é membro do comitê organizador do futebol na Olimpíada. Ele terá de deixar esses dois cargos.

Os dirigentes participariam do congresso da Fifa e da eleição para presidente da federação, nesta sexta-feira (29). O presidente, Joseph Blatter, que deverá ser reeleito, não está entre os investigados.

Os detidos devem ser extraditados para os Estados Unidos, onde a Procuradoria de Nova York apura o caso.

O ex-vice da Fifa e ex-presidente da Concacaf, Jack Warner, se apresentou à polícia em Trinidad e Tobago, onde mora, pagou fiança, mas iria passar a noite na prisão — não havia nenhum pedido de extradição contra ele.

Segundo o Departamento de Justiça dos EUA, a maior parte do esquema envolvia subornos e propinas entre dirigentes da Fifa e executivos

do setor na comercialização de jogos e direitos de marketing de vários campeonatos.

Entre eles estão as eliminatórias da Copa do Mundo nas Américas do Norte e Central, a Copa Ouro, a Liga dos Campeões (todas organizadas pela Concacaf), a Copa América, a Libertadores (ambas organizadas pela Conmebol) e a Copa do Brasil, da CBF.

As autoridades também investigam o pagamento de propina envolvendo o patrocínio da CBF por uma grande empresa de material esportivo dos EUA, a escolha da África do Sul como anfitriã da Copa de 2010 e as eleições presidenciais da Fifa em 2011.

Os agentes chegaram no início da manhã ao luxuoso

hotel cinco estrelas Baur au Lac, em Zurique. Braço direito de Marin, o atual presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, está no mesmo hotel. Ele não está entre os acusados.

Segundo a polícia, a investigação envolve um esquema de corrupção mais de US\$ 100 milhões (R\$ 317 milhões) na Fifa nos últimos 20 anos, envolvendo fraude, extorsão e lavagem de dinheiro em negócios ligados a torneios.

As contas bancárias dos acusados na Suíça foram bloqueadas. A suspeita é que

elas foram usadas para receber dinheiro de propina.

Outros dois brasileiros estão envolvidos. Um deles é réu confesso. José Hawilla, 71, dono da Traffic Group, que tem os direitos de transmissão, patrocínio e promoção de campeonatos de futebol e jogadores, além de empresas de comunicação.

Segundo o governo dos Estados Unidos, o executivo teria concordado com o confisco de US\$ 151 milhões (R\$ 473 milhões) de seu patrimônio.

Argentino naturalizado, José Margulies, conhecido como José Lazaro, é outro envolvido no caso. Ele intermediava contratos da Conmebol com emissoras de TV e empresas de marketing.

› OUTRO LADO ‹

Ação é dura, mas benéfica para o futebol, afirma Fifa

Posição semelhante tiveram outras entidades envolvidas; já CBF diz que não fará “julgamento prévio”

DE SÃO PAULO

Entidades que tiveram dirigentes ou ex-cartolas presos a pedido das autoridades dos EUA disseram que ajudarão na investigação. Afirmaram também serem contrárias à corrupção.

As posições foram dadas por Fifa (federação interna-

cional), CBF (confederação brasileira), Conmebol (América do Sul) e Concacaf (América do Norte e Central), por meio de notas oficiais.

A Fifa declarou estar satisfeita em ver “que a investigação está sendo energeticamente feita para o bem do futebol”. E diz acreditar que ela “irá ajudar a reforçar as medidas” que o órgão já adota.

BLATTER

O presidente da entidade, Joseph Blatter, afirmou ser favorável às ações tomadas contra a corrupção.

Ele disputa na sexta-feira (29) eleição que pode dar-lhe o quinto mandato.

O dirigente citou que a própria Fifa fez parte do proces-

so de investigação que permitiu as prisões ao ter apresentado um relatório à Justiça suíça, no ano passado, sobre supostas irregularidades cometidas por dirigentes.

“Esses são tempos difíceis para o futebol, os torcedores e a Fifa como entidade. Entendemos o desapontamento que muitos estão expressando e sei que os eventos de hoje [quarta] irão impactar a forma com muitas pessoas nos veem. Vamos continuar trabalhando energeticamente com as autoridades competentes a fim de erradicar qualquer má conduta”, escreveu.

Por meio de nota, a CBF declarou que apoia “qualquer investigação.” Na ação desta quarta (27), foi preso seu presidente José Maria Marin.

A entidade brasileira disse ainda que “a entidade aguardará, de forma responsável, sua conclusão, sem qualquer julgamento que previamente condene ou inocente”.

“A nova gestão da CBF, iniciada no dia 16 de abril de 2015, reafirma seu compromisso com a verdade e a transparência”, disse.

AMÉRICA DO SUL

Já a Conmebol se comprometeu a “colaborar aberta e enfaticamente com ditas investigações.” O órgão ainda prometeu “velar, pela vigên-

cia da verdade, a ética e a transparência das atividades da Fifa, Conmebol e associações integrantes”.

A Concacaf, cujo presidente Jeffrey Webb foi preso, afirmou “não ser capaz de comentar neste momento alegações específicas”.

Assim como as demais entidades, prometeu cooperar no máximo de sua capacidade com as investigações.

DIRIGENTES

A Folha procurou nesta quarta-feira (27) o advogado de José Maria Marin (que atualmente é dirigente da Fi-

fa), mas não obteve retorno até o fechamento desta edição. Gorka Villar, seu advogado, defenderá também os dirigentes da Conmebol.

Acusado formalmente no caso de corrupção, o ex-vice-presidente da Fifa Jack Warner disse ser inocente.

Ele se entregou às autoridades de Trinidad e Tobago. Afirmou que nem foi questionado sobre o processo de corrupção no futebol.

Eugenio Figueiredo, vice-presidente da Fifa e ex-presidente da federação uruguaia, afirmou em entrevista ano passado ao jornal El País que estava com a “consciência tranquila e as mãos bem limpas” com o futebol.



Preocupado com CPI, Del Nero deixa congresso da Fifa

CORRUPÇÃO NO FUTEBOL Ao voltar ao Brasil, presidente da CBF não votará na eleição da entidade, nesta sexta-feira

LEANDRO COLON
ENVIADO ESPECIAL A ZURIQUE

MARCEL RIZZO
DE SÃO PAULO

O presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, abandonou o Congresso da Fifa em Zurique para retornar ao Brasil em meio ao escândalo que levou à prisão do ex-presidente da entidade José Maria Marin na cidade suíça.

A informação foi divulgada pela assessoria da Fifa, que foi pega de surpresa pela saída repentina do cartola nesta quinta-feira (28) "Ele [Del Nero] não explicou os motivos", disse a assessoria.

O presidente da CBF decidiu deixar a Suíça no dia em que a **Folha** publicou que há indícios na investigação da Justiça dos EUA que o ligam a esquema de propina recebida por cartolas relacionada à Copa do Brasil, torneio que a CBF organiza. Contudo, Del Nero não está, por ora, entre os indiciados na operação.

A provável instalação da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) no Senado preocupa o dirigente. Ele prefere estar no Brasil para tentar desarticular a comissão, da qual seria o principal alvo. Del Nero disse a aliados que teme pelo seu mandato na CBF.

O cartola deveria participar, nesta sexta (29), da eleição que escolhe o novo pre-

sidente da Fifa. Segundo a Fifa, Del Nero, que apoia a reeleição de Joseph Blatter, pode designar outra pessoa para votar no seu lugar.

Os outros dois representantes da CBF no congresso, que viajaram à convite da

▶ OUTRO LADO ◀

Não houve fuga de evento, diz diretor da CBF

DO ENVIADO A ZURIQUE
DE SÃO PAULO

A **Folha** não conseguiu falar com o presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, para comentar sua decisão de deixar o congresso da Fifa em Zurique antes da eleição para a presidência da entidade.

O diretor financeiro da CBF, Rogério Caboclo, disse que não houve "fuga" de Del Nero do evento na Suíça. "O presidente Marco Polo é uma pessoa inquieta e quer estar no Brasil próximo da sua diretoria neste momento", afirmou.

Na quarta (27), quando houve a ação policial, a CBF, em nota, disse que apoiava qualquer investigação e que "aguardará, de forma responsável, a sua conclusão".

CBF, são o presidente da Federação Goiana de Futebol, André Pitta, e o presidente da Federação Cearense de Futebol, Mauro Carmélio, que irão representá-lo no pleito.

Além do congresso, ele estaria na reunião extraordinária do comitê executivo da Fifa no sábado (30) —informação que o próprio Del Nero havia dado à **Folha**, em Zurique, na última segunda (25).

Neste encontro, a Fifa deve decidir sobre as vagas da Copa do Mundo destinadas aos continentes. A Conmebol, que reúne as seleções sul-americanas, pode perder a chance que tem hoje de disputar uma vaga na repescagem, além das quatro que já tem garantida em Copas.

Na quarta (27), quando a operação estourou em Zurique, Del Nero não escondeu a tensão ao conversar com os jornalistas. Disse que a situação era "péssima" para a imagem da CBF. Depois, determinou a retirada do nome de Marin do prédio que abriga a sede da entidade no Rio.

Conforme a **Folha** publicou na quinta, documentos dos EUA mostram que Marin dividiria com Del Nero e o também ex-presidente Ricardo Teixeira suborno de R\$ 2 milhões para fechar a venda dos direitos comerciais da Copa do Brasil para empresas de marketing esportivo.

PF abre 13 inquéritos sobre a CBF e não conclui nenhum

CORRUPÇÃO NO FUTEBOL Entidade pagou viagens e 'peladas' de policiais federais

MARCO ANTÔNIO MARTINS
DO RIO



TEIXEIRA E A PF

Em 15 anos, a Polícia Federal, no Rio de Janeiro, abriu 13 inquéritos para investigar fatos envolvendo a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e o seu ex-presidente Ricardo Teixeira. Nenhum deles teve resultado até hoje.

Nesse período, a CBF patrocinou congressos, viagens e até cedeu a Granja Comary, centro de treinamento da seleção brasileira, para um torneio de futebol de delegados.

Nesta quinta (28), um novo inquérito foi aberto para investigar lavagem de dinheiro e crime contra o sistema financeiro dos dirigentes da CBF e empresários de futebol.

A PF informou que "ne-

6.nov.2009 - Divulgação



nhum inquérito está parado” (leia texto nesta página).

Entre 2001 e 2003, 13 investigações foram iniciadas na Superintendência da Polícia Federal no Rio tendo como alvo Teixeira ou a CBF. Todos eles foram instaurados para investigar crimes financeiros. Em nenhum deles, o mandatário da CBF foi indiciado.

A lista com o número dos inquéritos foi encontrada, em 2006, numa busca da própria PF, na sala do delegado Roberto Prel, então, número 2, da instituição no Rio.

Prel não foi encontrado para falar sobre a lista. A polícia disse na ocasião que a medida foi para cobrar providências de seus subordinados.

Em 2004, um novo inquérito foi aberto na PF contra Ricardo Teixeira, além das CPIs da CBF e da Nike já terem ocorrido no Congresso.

‘PELADA’ DE POLICIAIS

A relação da CBF com integrantes da PF se intensificou a partir de 2009. Ricardo Teixeira liberou R\$ 300 mil para que a Associação de Delegados da Polícia Federal realizasse o 4º Congresso Nacional, em Fortaleza (CE). Foram quatro dias de evento.

Teixeira foi um dos palestrantes na ocasião, onde falou sobre a Copa do Mundo de 2014, no Brasil.

Meses depois, em 2010, a ADPF (Associação de Delegados da PF) realizou uma “pelada” de futebol na Granja Comary, local utilizado pela seleção brasileira como centro de treinamento.

Por três dias, a associação, que chamou o local de um dos “templos do futebol brasileiro”, reuniu delegados, peritos e policiais civis do Distrito Federal.

A ADPF não respondeu à reportagem se o caso configura algum tipo de conflito.

MENSALÃO

O torneio entre policiais ocorreu meses depois de a PF deflagrar, em novembro de 2009, a operação Caixa de Pandora, em que descobriu o



Palestrante
Ricardo Teixeira, quando deu palestra em evento de policiais federais em Fortaleza

Arquivo pessoal



‘Pelada’ na Granja Comary

O delegado Cláudio Tusco diante de campo de futebol no CT da seleção, em Teresópolis

pagamento de um mensalão do DEM, em Brasília, durante o governo de José Roberto Arruda. Entre os envolvidos no caso estava Fábio Simão, apontado pela polícia como um dos principais operadores do esquema.

Ele foi presidente regional da CBF e presidente da federação brasileira de futebol. No processo, Simão nega todas as acusações.

Também em 2010, a CBF patrocinou a ida de um coral de delegados aposentados da PF à Argentina para a realização de shows. O valor do apoio cultural não foi divulgado pela confederação.

O código de ética do servidor público federal aponta que “a função pública deve ser tida como exercício profissional e, portanto, se integra na vida particular de cada servidor público”.

▶ OUTRO LADO ◀

Não há nenhuma investigação parada, diz PF

DO RIO

Em nota, a Polícia Federal afirmou que nenhum inquérito está parado. “Algumas investigações foram arquivadas ou trancadas por determinação judicial, diz o órgão.

“Há ainda casos de investigações enviadas à Justiça que aguardam retorno com decisão”, complementa.

Teixeira não foi localizado para comentar o caso.

Questionada se os favores da CBF não criavam conflito ético, a Associação de Delegados da PF não comentou.

→ PF VAI APURAR CRIMES NO PAÍS, DIZ MINISTRO

O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, afirmou que a Polícia Federal analisa fatos investigados pela Procuradoria americana envolvendo corrupção no futebol para identificar onde há indícios de crimes cometidos por dirigentes esportivos que possam ser tipificados na legislação brasileira. “Só podemos investigar delitos que sejam tipificados pela legislação brasileira. Se neste caso houver, a Polícia Federal abrirá um inquérito e fará uma investigação rigorosa em relação a isso”, afirmou. Segundo Cardozo, o Brasil recebeu solicitação de cooperação internacional para que o país auxiliasse nas investigações.

Cartola deve ser principal alvo do Senado

DE BRASÍLIA
DE PARIS
DE SÃO PAULO

O presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, será o principal alvo da CPI proposta no Senado para investigar a entidade. O pedido para a criação da comissão foi lido no plenário na quarta (28), o que abre caminho para que seja instalada nos próximos dias.

Os parlamentares que apoiaram a criação da CPI têm até a meia-noite desta quinta para retirarem assinaturas do pedido.

Pelo menos 27 têm que manter o apoio para que a comissão seja instalada, o que só acontece depois da indicação dos membros pelos líderes dos partidos.

A instalação só ocorre na primeira reunião da CPI, quando são eleitos presidente, vice e relator dos trabalhos.

A CPI foi motivada pela prisão de dirigentes da Fi-

fa, entre eles o vice da CBF, José Maria Marin. Idealizador da comissão, o senador Romário (PSB-RJ) afirma na justificativa que o Senado precisa apurar as denúncias de corrupção na entidade, reveladas após a prisão dos dirigentes.

A **Folha** apurou que Del Nero será o foco da investigação. O dirigente não teve o nome citado nas investigações dos EUA, mas documentos das autoridades americanas indicam que ele dividiu parte das propinas recebidas por Marin.

O secretário-geral da CBF, Walter Feldman, diz que os documentos devem ser analisados com “bastante cuidado” e é “precoce” apontar envolvimento de Del Nero. (GG, SR E MR)

Em cela pequena, Marin passa bem, diz governo suíço

DO ENVIADO A ZURIQUE

O ex-presidente da CBF José Maria Marin, 83, está em cela em presídio na região de Zurique e passa bem, segundo informou à **Folha** o Ministério da Justiça da Suíça.

Segundo o ministério, o cartola não apresentou problemas de saúde. “Ele está sendo tratado com todos os direitos humanos respeitados”, disse o ministério.

O dirigente foi levado a um presídio normal, onde ocupa uma cela pequena, com banheiro particular. “É uma cela só para ele, com os padrões normais para esse tipo de preso, e boa alimentação.”

O governo informou que não pode revelar o endereço do presídio por “questões de segurança” e não confirmou se ele está no mesmo presídio dos outros seis cartolas presos na operação policial.

O ministério disse que Marin terá de esperar o processo de extradição para os EUA,

caso se recuse a ser transferido imediatamente ao país.

“O Consulado-Geral do Brasil em Zurique não está atuando no caso, porque não lhe foi solicitado, até o momento, qualquer tipo de assistência consular para o cidadão brasileiro envolvido”, informou o consulado.

A reportagem tentou contato por e-mail com Gorka Villar, advogado espanhol que defende Marin, mas ele não respondeu até o fechamento desta edição.

(LEANDRO COLON)

‘Mais notícias ruins virão’, afirma Blatter

CORRUPÇÃO NO FUTEBOL Na véspera de sua provável reeleição, dirigente diz que corruptos no futebol são minoria

DO ENVIADO A ZURIQUE

O local escolhido para a abertura do 65º Congresso da Fifa nesta quinta-feira (28), em Zurique foi um teatro. Na plateia estavam os principais cartolas do futebol mundial, dirigentes de 209 federações.

No palco, subiu o presidente da entidade, Joseph Blatter, 79, constringido, um dia depois da operação que prendeu sete cartolas, entre eles o ex-presidente da CBF, José Maria Marin, acusados pelas autoridades norte-americanas de envolvimento num esquema de corrupção de pelo menos US\$ 150 milhões.

O espetáculo durou aproximadamente uma hora e 20 minutos, com imagens, performances e músicas exaltando a Suíça e o futebol.

O ato principal coube a Blatter e durou apenas seis minutos. Em discurso, o presidente da Fifa buscou se desvincular do episódio que atinge a imagem da entidade às vésperas da eleição marcada para esta sexta-feira (29) e que deve reelegê-lo para um quinto mandato.

No cargo desde 1998, Blatter admitiu à plateia que a Fifa vive crise “sem precedentes”, mas atribuiu a terceiros a responsabilidade por colocarem a entidade máxima do futebol no centro do maior escândalo de sua história.

Disse não poder “monitorar todo mundo a toda hora” e afirmou que não permitirá



O presidente da Fifa, Joseph Blatter, durante discurso na abertura do congresso da Fifa que deve reconduzi-lo ao cargo

que “poucos” destruíram um “árido trabalho” feito pela maioria pelo futebol.

“Ações individuais trazem vergonha e humilhação e demandam ação e mudança de nós todos”, disse.

A imprensa foi colocada no andar superior do auditório do teatro, sem chance de enxergar a reação dos cartolas presentes nas cadeiras.

“Os corruptos no futebol são uma pequena minoria, como na sociedade”, disse o dirigente. “Não pode haver lugar para qualquer tipo de corrupção. Os próximos meses não serão fáceis para a Fi-

fa. Estou certo de que mais notícias ruins virão”, disse.

Antes de subir ao palco, Blatter foi recebido no auditório por uma discreta salva de palmas por alguns dirigentes a dez minutos do começo da cerimônia de abertura.

Os cartolas chegaram em carros luxuosos e protegidos por seguranças que impediam o contato dos dirigentes com os jornalistas.

Um desfile de bandeiras de federações e confederações continentais abriu a cerimônia. Uma delas era a da Concacaf, entidade que reúne os países da América do Norte,

Central e Caribe, cujo presidente, Jeffrey Webb, foi um dos sete cartolas presos na ação policial na quarta-feira.

UEFA

Mais cedo, Blatter cancelou presença em um evento para comparecer a uma reunião de emergência com os presidentes das confederações continentais —com exceção do da Concacaf, obviamente, porque está preso.

Entre os presentes estava o presidente da Uefa, a confederação europeia de futebol, o francês Michel Platini. A entidade, que faz oposi-

ção a Blatter, se reuniu à tarde e recuou da ameaça de boicotar a eleição desta sexta.

Platini disse que pediu pessoalmente para Blatter renunciar ao cargo. “Ele disse que era muito tarde, que o congresso já iria começar.”

O ex-jogador francês afirmou ainda que, com a vitória de Blatter, as relações entre a Uefa e a Fifa vão mudar.

Não descartou nem mesmo boicotar a Copa. “Todas as opções estão abertas. Se ele vencer, vamos discutir nossas relações com a Fifa”, disse o dirigente francês.

(LEANDRO COLON)

Com apenas um rival, dirigente deve ser reeleito

DO ENVIADO A ZURIQUE

O presidente Joseph Blatter deve ser reeleito para mais quatro anos nesta sexta (29), com a ampla maioria dos votos das 209 federações filiadas à Fifa.

Ele tem como rival apenas o príncipe da Jordânia e vice-presidente da entidade, Ali bin Al-Husseini.

Pela regra, na primeira votação, vence quem atingir dois terços dos votos. Caso contrário, ocorre uma nova rodada, bastando maioria simples para que um candidato seja eleito.

A expectativa é que Blatter ganhe já no primeiro turno. O suíço tem o apoio declarado das confederações sul-americana, asiática, africana e das Américas Central e do Norte.

Al-Husseini tem o apoio oficial da Uefa, que dirige o futebol europeu, com 54 membros filiados à Fifa — pelo menos 45 teriam fechado apoio a ele. Outros países, como EUA, Canadá e Austrália, declararam que estão com ele.

O príncipe aposta que pode conquistar até 60 votos de fora da Europa.

30 de maio de 2015

CORRUPÇÃO NO FUTEBOL

‘Fifa não é um monstro’, afirma Blatter

Suíço recebeu 133 votos contra 73 de príncipe jordaniano; eleição foi ao segundo turno, mas concorrente desistiu

BERNARDO ITRI
LEANDRO COLON
ENVIADOS ESPECIAIS A ZURIQUE

Desgastado diante do maior escândalo da história do futebol, o presidente da Fifa, Joseph Blatter, 79, foi reeleito nesta sexta-feira (29) para o seu quinto mandato à frente da entidade.

O pleito ocorreu dois dias após sete cartolas da Fifa, entre eles o ex-presidente da CBF José Maria Marin, serem presos em Zurique sob acusação de corrupção pelo Departamento de Justiça dos EUA em um esquema que ultrapassa US\$ 150 milhões.

Blatter, por ora, não aparece entre os acusados.

“Eu vou trazer responsabilidade de volta à Fifa”, afirmou o cartola suíço, em discurso após a vitória.

Ele recebeu 133 votos das 209 federações e viu o seu único rival, o príncipe da Jordânia Ali bin Al-Hussein, ser apoiado por 73 —três eleitores votaram nulo. A regra exigia um segundo turno, mas, sem força para ultrapassar Blatter, o adversário desistiu.

Essa foi a segunda vez que o suíço não vence em primeiro turno —também foi assim em 1998, quando ele foi eleito pela primeira vez à presidência da entidade. Blatter vai completar 21 anos no comando da entidade em 2019.

“Muitos dizem que estou aqui há muito tempo [é presidente há 17 anos]. O tempo é infinito. Posso achar meu tempo na Fifa curto”, disse



O suíço Joseph Blatter, 79, celebra a vitória em Zurique após ser reconduzido pela quarta vez à presidência da Fifa; ele assumiu a entidade em 1998

ele, que prometeu iniciativas para melhorar a imagem da entidade, mas não entrou em detalhes sobre elas.

“Não sou perfeito, ninguém é. Então, eu agradeço. Prometo a vocês que, no fim do meu mandato, deixarei a Fifa ao meu sucessor em uma posição muito forte”, disse.

Mas a recondução do cartola ocorre sob desconfiança de dirigentes, especialmente dos europeus e de parte dos sul-americanos.

Sob a batuta do presiden-

te da Uefa, Michel Platini, as federações europeias manifestaram apoio ao príncipe da Jordânia. Já alguns sul-americanos, irritados com a falta de apoio de Blatter aos cartolas presos, racharam.

A CBF ficou ao lado do suíço, mas parte dos vizinhos optou pelo príncipe.

‘UMA GRANDE EMPRESA’

Num discurso no congresso pela manhã, antes da eleição, Blatter afirmou que, um dia, seu antecessor, o brasi-

leiro João Havelange, classificou a entidade como um “monstro criado”.

“A Fifa não é um monstro, mas uma grande empresa, se transformou numa empresa muito importante. Não é um clube”, disse Blatter.

O dirigente ainda provocou os adversários. Afirmou que, provavelmente, o momento da entidade seria diferente se outros países tivessem levado a sede das Copas de 2018 e 2022, numa clara alusão a Inglaterra e EUA, que perde-

ram respectivamente esses torneios para Rússia e Qatar.

Para o suíço, é preciso punir individualmente os culpados nos casos de corrupção. E a responsabilidade pela gestão da Fifa não pode ser só dele. “Gostaria de dividir a responsabilidade com vocês, isso é um governo. São 209 federações, não podemos supervisionar todo mundo.”

Economista, Blatter é o oitavo presidente da história da Fifa. Foi eleito pela primeira vez em 1998.

RAIO-X JOSEPH BLATTER

NASCIMENTO
10.mar.1936 (79 anos), em Visp, na Suíça. É formado em administração e economia

CARREIRA
Está na Fifa desde 1975. Foi diretor técnico e secretário-geral na gestão de João Havelange. Desde 1998, preside a entidade

Michael Buholzer/France Presse

CORRUPÇÃO NO FUTEBOL

Del Nero diz ser inocente e que não irá deixar a CBF

Ele se recusou, porém, a defender o seu antecessor, José Maria Marin

DO RIO

“É impossível renunciar. Isso não existe comigo. Até porque não há nenhuma razão para que eu venha a renunciar. Eu não tenho nada a ver com isso.”

Foi assim, enfático, que o presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, respondeu sobre a possibilidade de deixar o comando da entidade.

Nesta sexta (29), em entrevista na sede da CBF, no Rio, ele comentou as investiga-

Segundo Del Nero, a decisão foi tomada com o intuito de dar satisfação ao Brasil.

“Resolvi partir da Suíça para poder, de forma positiva e correta, cumprir e dar as explicações necessárias, não só às autoridades, como para a imprensa”, afirmou.

‘COCONSPIRADOR 12’

Apesar de não ter seu nome citado no processo, Del Nero, como revelou a **Folha** na quinta (28), tem sua participação no esquema sugerido

ções que já levaram à prisão seu antecessor, José Maria Marin, acusado de corrupção.

O esquema, que resultou na prisão de mais seis dirigentes ligados à Fifa na quarta (27) na Suíça, está sendo investigado pelo Justiça dos EUA, com o apoio do FBI, a polícia federal americana.

O presidente da CBF, contudo, evitou defender o antecessor, de quem era vice. Marin ocupou o cargo até abril deste ano e apoiou a eleição de Del Nero (leia mais no “Painel FC” na pág. B10).

O atual mandatário afirmou ainda que não sabia dos esquemas de corrupção levantados pelas investigações.

“É triste [a prisão de Marin]. Mas temos que tomar providências. Ficamos chateados, mas temos que exercer a função a favor da CBF. Eu não tinha conhecimento [do esquema]. Não assinei nenhum contrato na administração do Marin”, disse.

“A função do vice é colaborar com o presidente, com aquilo que ele precisa. Vice-presidente não manda. Ele cumpre. Exatamente como um diretor. E eu procurava ser um bom diretor”, afirmou.

O dirigente desembarcou nesta sexta ao país após abandonar o congresso da Fifa, que termina neste sábado. Com a decisão, ele deixou de votar na eleição que deu mais quatro anos de mandato ao

Com a decisão, ele deixou de votar na eleição que deu mais quatro anos de mandato ao presidente, Joseph Blatter.

da nas investigações.

As apurações indicam que ele teria dividido o recebimento de propina com Marin. A suspeita é que ele seja o “coconspirador 12”, citado no relatório de investigação do FBI em conversa de Marin sobre recebimento de suborno.

De acordo com o relatório do FBI, o suspeito tem cargo de alto escalão na CBF e Conmebol (confederação sul-americana), além de ser membro do comitê executivo da Fifa —as qualificações se encaixam só em Del Nero.

“Eu não sou [o coconspirador 12] porque não recebi nada e nem receberia. Isso tem que perguntar para quem está investigando”, afirmou.

Outro motivo que fez o dirigente voltar ao país mais cedo é a chance de instalação de CPI no Senado para investigar a CBF —Del Nero deve ser o principal alvo.

“É triste [a prisão de Marin]. (...) Eu não tinha conhecimento [do esquema]. Não assinei nenhum contrato na administração do Marin

MARCO POLO DEL NERO

Marin

MARCO POLO DEL NERO
presidente da CBF

★
★
★
FOLHA DE S. PAULO
DOMINGO, 31 DE MAIO DE 2015 B1

esporte

CORRUPÇÃO NO FUTEBOL

Escândalos já derrubaram 10 da elite da Fifa em 5 anos

Atos como recebimento de propina ou compra de votos motivaram quedas

RAFAEL REIS
DE SÃO PAULO

Mais de 20% dos dirigentes que fizeram parte do Comitê Executivo, principal instância da Fifa, nos últimos cinco anos foi afastado ou renunciou ao cargo em meio a episódios de corrupção.

Dos 46 cartolas que passaram pelo órgão desde 2010, nove foram suspensos ou banidos do futebol por comportamentos ilegais. Além deles, o brasileiro Ricardo Teixeira, deixou voluntariamente a função em meio a escândalo que poderia derrubá-lo.

O Comitê Executivo é a elite da cartolagem da Fifa e atua como um conselho gestor. Entre suas funções estão a definição de sedes de campeonatos (menos as da Copa do Mundo), datas e formatos dos torneios e a escolha do secretário-geral da entidade.

Fazem parte do grupo o presidente Joseph Blatter, oito vices e outros 15 dirigentes indicados por confederações continentais ou associações nacionais. O presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, é o único brasileiro no órgão.

Os primeiros afastados, em 2010, foram o nigeriano Amos Adamu e Reynald Temarii, do Taiti, então presidente da confederação da Oceania.

Segundo o "Sunday Ti-

mes", ambos foram flagrados pelo jornal inglês tentando negociar com repórteres disfarçados seus votos para sedes das Copas de 2018 e 2022.

O escândalo foi tão grande que a Fifa, além de afastar ambos do futebol, decidiu que as sedes das próximas Copas passariam a ser escolhidas pelas federações nacionais e não só pelo comitê.

A eleição presidencial da Fifa, em 2011, derrubou mais dois. O qatariense Mohamed bin Hammam, que seria candidato de oposição a Blatter, e Jack Warner, de Trinidad e Tobago, foram excluídos acusados de tentarem comprar votos para a candidatura.

Vernon Manilal Fernando, do Sri Lanka, também ligado ao grupo, caiu por ato semelhante na eleição da confederação asiática, em 2009.

Delator do esquema, o americano Chuck Blazer caiu em 2013, acusado de receber US\$ 17 milhões (R\$ 54 milhões) de comissões quando era secretário-geral da Concacaf, a confederação das Américas Central e do Norte.

Em 2012, Teixeira renunciou à presidência da CBF e a seu lugar no comitê em meio a denúncias de que recebera dinheiro por partidas da seleção brasileira e de um contrato de marketing da Fifa.

NA TV

6h - Roland Garros

Tênis, Sports

9h - MotoGP

Etapa da Itália, SporTV

10h30 - Volta da Itália

Ciclismo, ESPN+

15h45 - Roma x Palermo

Italiano, ESPN Brasil

15h45 - Napoli x Lazio

Italiano, Fox Sports

15h45 - Inter de Milão x Empoli

Italiano, ESPN

16h - Inter x São Paulo

Brasileiro, Band e Globo (para SP)

16h - Atlético-MG x Vasco

Brasileiro, Band e Globo (menos SP)

18h15 - River Plate x Rosario

Argentino, Fox Sports 2

18h30 - Figueirense x Cruzeiro

Brasileiro, SporTV (menos SC)

21h30 - Vélez x Boca Juniors

Argentino, Fox Sports 2

22h - Nigéria x Brasil

Mundial sub-20, SporTV e TV Brasil



Jack Warner, ex-membro do Comitê Executivo da Fifa

A operação deflagrada pela Justiça americana na quarta (27) atingiu, além de cartolas anteriormente punidos, dois então membros do grupo e um ex-participante.

Jeffrey Webb, das Ilhas Cayman, e o uruguaio Eugenio Figueredo foram presos na Suíça. Já Nicolás Leoz, ex-presidente da Conmebol, que já havia se afastado em 2013 em outro escândalo, não foi preso porque ficou no Paraguai para exames médicos — os EUA pediram a extradição.

» LEIA MAIS nas págs. B2 a B4

CORRUPÇÃO NO FUTEBOL

Para Blatter, ação dos EUA não 'cheira bem'

Presidente da Fifa diz não temer prisão e acusa americanos de revanchismo por caçada a dirigentes antes de eleição

BERNARDO ITRI
LEANDRO COLON
ENVIADOS ESPECIAIS A ZURIQUE

Reeleito para um quinto mandato como presidente da Fifa, o suíço Joseph Blatter afirmou não temer ser preso e acusou os EUA de tentar interferir na entidade ao provocar a operação que prendeu sete cartolas em Zurique, entre eles o ex-presidente da CBF José Maria Marin.

Em entrevista aos jornalistas na sede da Fifa neste sábado (30), ele foi questionado se tem medo de ser detido por causa da investigação das autoridades americanas.

Blatter respondeu, visivelmente irritado, com a pergunta: "Preso por quê?"

Pouco antes, a TV suíça RTS divulgou uma entrevista exclusiva com o dirigente em que ele levantou suspeitas sobre as intenções dos EUA ao solicitar à polícia suíça a prisão dos cartolas na véspera do congresso da Fifa que o reeleveu para o cargo que ocupa desde 1998.

"Ninguém vai me tirar a ideia de que é apenas uma simples coincidência que a operação dos EUA tenha

acontecido dois dias antes da eleição da Fifa. Ninguém tira isso da minha cabeça."

Esta é a primeira vez que Blatter critica abertamente a ação norte-americana desde a prisão dos dirigentes, acusados nos Estados Unidos de envolvimento em um esquema de corrupção que envolve US\$ 150 milhões.

"Há sinais que não podem ser ignorados. Os americanos eram candidatos para a Copa de 2022 e perderam. Os ingleses foram candidatos em 2018 e perderam. Temos respeito ao sistema judicial dos EUA e à secretária Justiça. Se eles sofreram um crime financeiro, eles devem prender essas pessoas lá, não em Zurique durante o congresso da Fifa."

E continuou: "Não estou certo, mas isso não me cheira bem. Isso tocou a mim e à Fifa. Não só porque ele tentaram me denegrir, mas também porque eles usaram esse momento para dizer 'é hora de dar tchau'. Então eles disseram 'nós vamos boicotar o congresso'".

Na entrevista na sede da Fifa, após reunião do Comitê Executivo da entidade, ele questionou a presença de três



Arnd Wiegmann/Reuters

Blatter foi reeleito presidente da Fifa na última sexta (29)

jornalistas americanos no hotel Baur au Lac durante a operação policial que prendeu os cartolas que estavam hospedados no local.

PAGAMENTO DE PROPINA

O dirigente também foi questionado sobre uma quantia de US\$ 10 milhões que teria sido repassada, segundo investigação, a um cartola da Fifa em troca de apoio à candidatura da África do Sul como sede da Copa de 2010.

Jack Warner, então um dos vice-presidentes da entidade, teria acertado o valor com dirigentes africanos, mas, com o atraso no repasse, cobrou o dinheiro da própria Fifa.

Um repórter perguntou ao presidente da Fifa se ele tinha ciência e autorizado o pagamento da suposta propina.

"Definitivamente, não sou eu [que teria autorizado]. O que posso dizer é que não tenho esses US\$ 10 milhões", respondeu. "Não comento essas acusações", ressaltou.

REUNIÃO

A reunião do Comitê Executivo foi simbólica politicamente: o cartola inglês David Gill, dirigente da Uefa que

dirige o futebol europeu), não compareceu e anunciou que deixaria o posto.

Presidido pelo francês Michel Platini, a Uefa é a principal voz de oposição a Blatter dentro da Fifa. A entidade, que apoiou o príncipe Ali bin Al-Husseini na eleição, tem ameaçado boicotar a Copa do Mundo diante da permanência do dirigente.

Blatter minimizou o gesto e disse que Platini, presente ao encontro do comitê executivo, não sinalizou qualquer movimento de boicote.

Outra ausência foi a do presidente da CBF, Marco Polo del Nero, que abandonou o congresso da Fifa na quinta-feira (28) para retornar ao Brasil e se defender das possíveis ligações com o escândalo de corrupção.

PATROCINADORES

O dirigente revelou ainda que entrou em contato com os patrocinadores da Fifa, que cobraram uma resposta da entidade à crise que aletava sua imagem. Blatter disse que os dois lados trocaram cartas e que está confiante de que a turbulência não afetará as relações comerciais da Fifa.

1º de junho de 2015

esporte inclui cotidiano e fovest

6h Roland Garros
Tênis, Bandsports
10h Brasil x Cuba
Luta Olímpica, SporTV 2
11h55 Marrocos x C. do Marfim
Futebol Sub-21, ESPN +

18h Brasil x Canadá
Desafio de Judo, SporTV
19h15 Umuarama x Tubarão
Liga Futsal, SporTV
21h Cardinals x Brewers
Basebol, ESPN +

CORRUPÇÃO NO FUTEBOL

Del Nero negociou contratos e aprovou Marin com assinatura

Presidente da confederação firmou documento que traz detalhes sobre acordos

SÉRGIO RANGEL
DE PARIS
PAULO PASSOS
EDITOR-ASSISTENTE DE 'ESPORTE'

Na última sexta-feira (29), o presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, disse não poder responder por acordos e contratos assinados durante a gestão de José Maria Marin, seu antecessor na presidência da CBF e atual vice, que foi preso pelas autoridades americanas na Suíça. Antes de assumir o cargo, porém, há pouco mais de um mês, Del Nero referendou as contas do seu antecessor.

O atual presidente também participou da negociação e do fechamento de pelo menos dez dos 13 contratos da confederação com patrocinadores, segundo a **Folha** apurou. Eles foram firmados entre os anos de 2012 e 2015.

Del Nero assinou o balanço de demonstrações financeiras da entidade de 2014, em abril, antes de assumir o cargo. O documento detalha todas as contas da confederação no último ano de gestão de José Maria Marin, incluindo os acordos de patrocínio da entidade, que totalizaram uma receita de R\$ 359 milhões no ano passado. Ele foi o único dos cinco então vices da entidade a fazê-lo.

Segundo o diretor financeiro da CBF, Rogério Caboclo, o estatuto da confederação não obrigava Del Nero a assinar o documento.

preso. Ele iria representar Del Nero, que, por ser membro do Comitê Executivo da federação internacional, precisava indicar um representante para votar no seu lugar.

COMISSÕES

O pagamento de comissões a empresas que atuam no acerto de negócios é praxe no mercado de marketing esportivo. Os valores podem chegar até 20%. Não há ilegalidade na prática, que é comum no Brasil e no exterior.

Foram desvios de valores em comissões que levaram Marin a ser acusado de recebimento de propina pelas autoridades americanas.

Marin dividiu propina para a manutenção de um acordo de exploração comercial da Copa do Brasil (torneio disputado desde 1989 pelos principais clubes do país)

com J. Hawilla, dono da Trafic, e outros dois dirigentes, que seriam o ex-presidente da CBF Ricardo Teixeira e Marco Polo Del Nero, que não tiveram seus nomes apontados na investigação.

Segundo a Justiça americana, neste processo, eles são nominados como "coconspirador 11" e "coconspirador 12". Os dois são descritos como altos executivos da CBF, da Conmebol e da Fifa. Só Teixeira e Del Nero se encaixam nesse perfil.

O termo "coconspirador" é usado nos textos do Departamento de Estado para pessoas não acusadas formalmente ou para preservar a origem de informações.

Del Nero nega ser um dos investigados. Já Ricardo Teixeira, que deixou a CBF em 2012, não se pronunciou sobre o caso.

PATROCÍNIOS DA CBF

Dez dos 13 atuais contratos de patrocínio da CBF foram assinados na gestão de José Maria Marin

Renovação

ago. 2012

> Mastercard

mai. 2013

> Gol

Marin e Del Nero mostram

camisa da seleção brasileira

com símbolo da companhia aérea

Wagner Meier - 14.mai.2013/Agf/Folhapress



mai. 2013

> Seguros Unimed

Marin e Del Nero anunciam

acordo de patrocínio com a

companhia de seguros

ASSINOU EMBAIXO

Assinatura de Del Nero aparece ao lado da de Marin na demonstração financeira da CBF de 2014



CONTRATOS ASSINADOS POR MARIN

“Quem assina é o presidente do exercício, o José Maria Marin. O Marco Polo por ser muito diligente quis assinar, mostrando que estava de acordo com as contas no geral”, afirma Caboclo.

Na última sexta-feira (29), o presidente da CBF minimizou sua participação na gestão de Marin.

“Não assinei nenhum contrato na administração do presidente Marin. Eu era vice-presidente, e vice não manda, apenas cumpre determinação”, afirmou Del Nero, que tomou posse no dia 16 de abril deste ano.

ONIPRESENTE

Dirigentes do futebol e empresários do ramo de marketing esportivo confirmaram à **Folha** que o atual presidente era figura onipresente em negociações de contratos da CBF na gestão José Maria Marin. Ele esteve em reuniões com parceiros da entidade e tinha ciência dos contratos e acordos de acerto de comissões a intermediários.

Além de participar das negociações, Del Nero era o único vice-presidente à época que estava sempre ao lado de Marin nos anúncios dos acordos comerciais da CBF.

Durante seu período como vice, ele já despachava na sede da entidade, mesmo quando Marin não estava. Funcionários da CBF na época relataram à **Folha** que Del Nero já era visto como o principal executivo da CBF, tomando à frente nas principais decisões da confederação.

Ele também viajava sempre com Marin representando a CBF, entre 2012 e 2015. O ex-presidente estava em Zurique, na Suíça, para votar na eleição da Fifa quando foi

2 de junho de 2015

CORRUPÇÃO NO FUTEBOL

Valcke movimentou propina, diz jornal

O nº 2 da Fifa teria sido responsável pela transferência de US\$ 10 milhões usados para pagamentos irregulares

GIULIANA VALLONE
DE NOVA YORK

A Justiça dos Estados Unidos acredita que o secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, está envolvido no esquema de corrupção no futebol revelado na semana passada.

É o que informa o "The New York Times". De acordo com o jornal, funcionários do governo norte-americano, falando sob condição de anonimato, apontaram o francês Valcke como o responsável pela transferência de US\$ 10 milhões (cerca de R\$ 32 milhões) usados para o pagamento de propinas.

A revelação aproxima o escândalo do presidente da Fifa, Joseph Blatter, de quem Valcke é braço direito.

O número 2 da instituição seria o "alto funcionário da Fifa" que, segundo o indiciamento, transferiu o montante para contas controladas por Jack Warner, na época

presidente da Concacaf, a confederação de futebol das Américas do Norte e Central.

O pagamento, feito em três parcelas entre janeiro e março de 2008, é central no indiciamento de Warner e compõe um dos escândalos de corrupção que estão sendo investigados nos EUA.

De acordo com o processo, o governo sul-africano e o comitê de candidatura para o Mundial teriam pago o valor em troca de três votos a favor do país —o de Warner e os de outros dois membros do comitê executivo da Fifa, não identificados.

Como os sul-africanos não conseguiram realizar o pagamento direto das contas do governo, os envolvidos fizeram um acordo para que os US\$ 10 milhões fossem enviados pela Fifa para a Federação de Futebol do Caribe, utilizando recursos que deveriam ir para a África do Sul como ajuda nos preparativos

para a Copa do Mundo.

O processo não afirma, porém, se o alto funcionário responsável pelo pagamento tinha conhecimento de que o dinheiro era usado para o pagamento de propinas.

O nome de Jérôme Valcke não aparece no processo — assim como os nomes de ao menos duas dezenas de co-conspiradores identificados apenas por números.

Com a revelação do jornal norte-americano, ganha novo fôlego o maior escândalo de corrupção no futebol, que levou à prisão sete dirigentes na semana passada durante o congresso da Fifa na Suíça.

Um dos detidos foi José Maria Marin, presidente da CBF até abril de 2015. Estava no poder, portanto, quando o Brasil sediou a Copa de 2014.

Valcke, novo personagem do escândalo, tornou-se conhecido dos brasileiros justamente por supervisionar os preparativos da Copa no país.

OUTRO LADO

Em e-mail ao "New York Times", Valcke afirmou que não autorizou o pagamento e não teria poderes para isso. A porta-voz da Fifa, Delia Fischer, disse que a transferência foi autorizada pelo diretor do comitê financeiro à época, Julio Grondona, que morreu no ano passado.

Danny Jordaan, que era presidente do comitê de organização da Copa-2010, afirmou que a soma foi paga em 2008, quatro anos após a escolha da África do Sul.

"Como poderíamos ter pago propina quatro anos depois de termos sido eleitos?", questionou o cartola.

Blatter também foi questionado sobre o pagamento, no sábado (30), após sua reeleição para um quinto mandato como presidente da Fifa.

"Definitivamente, não sou eu [que teria autorizado]. O que posso dizer é que não tenho esses US\$ 10 milhões."

Valcke disse que Brasil precisava de 'chute no traseiro'

DE SÃO PAULO

O francês Jérôme Valcke, 54, jornalista com passagens pelos departamentos de esportes de TVs francesas, assumiu cargo na Fifa pela primeira vez em 2003.

Era o diretor de marketing e TV quando a Fifa trocou como patrocinadora a Mastercard pela Visa, empresas de cartão crédito, numa negociação que gerou processo nos EUA e sua demissão.

Joseph Blatter demitiu Valcke em dezembro de 2006, depois de a Fifa ser multada em mais de US\$ 60 milhões porque, segundo a Justiça americana, não res-

peitou cláusula do contrato com a Mastercard.

Para surpresa de todos que acompanharam o caso, sete meses depois, em julho de 2007, Valcke foi nomeado secretário-geral da entidade, cargo que dá autonomia para cuidar dos preparativos da Copa do Mundo.

Valcke participou da organização da Copa da África do Sul, em 2010 e, claro, da organização do Mundial do Brasil, no qual se envolveu em polêmicas ao criticar costumeiramente os atrasos nos preparativos.

Na mais conhecida, em março de 2012, ele afirmou que o Brasil precisava de um "chute no traseiro" para acelerar as obras. O governo federal recebeu mal, cobrou a Fifa, e a resposta foi que a frase, em francês, foi mal-interpretada e significava "acelerar o passo".

3 de junho de 2016



FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2015 B1

esporte

Ruben Sprich/Reuters

Acuado, Blatter renuncia ao comando da Fifa

Após 17 anos na presidência da entidade, o suíço de 79 anos anuncia saída em meio à maior crise da história da entidade; nova eleição será convocada

NA TV

9h Roland Garros
Tênis, Band Sports
14h México x Inglaterra
Torneio de Toulon sub-21, ESPN
19h30 Vasco x Ponte Preta
Brasileiro, SporTV

OS SETE DIAS QUE ABALARAM (E DERRUBARAM) O HOMEM MAIS FORTE DO FUTEBOL MUNDIAL

quarta-feira • 27.mai
PRIMEIRO BAQUE

A dois dias da eleição para presidência da Fifa, Joseph Blatter, virtualmente eleito para o quinto mandato, acorda com a notícia da detenção de sete cartolas ligados à entidade —entre eles o ex-presidente da CBF José Maria Marin— pelas forças policiais suíças em Zurique a pedido do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e do FBI

quinta-feira • 28.mai
ADMISSÃO DE CRISE

Blatter afirma que a Fifa vive crise "sem precedentes" e que "mais notícias ruins virão", enquanto um de seus principais opositores, Michel Platini, presidente da Uefa, relata que pediu ao suíço que renunciasse; no mesmo dia, o mandatário da CBF, Marco Polo Del Nero, suspeito de ser coconspirador na investigação, deixa às pressas congresso e retorna para o Brasil

sexta-feira • 29.mai
ELEITO, MAS SEM FORÇA

Blatter é reeleito para seu quinto mandato na Fifa, mas a vitória sobre o príncipe jordaniano Ali bin Al-Husseini demonstra o desgaste do presidente: com 133 votos contra 73 do rival, ele não consegue o triunfo no primeiro turno

Blatter após discurso em que anunciou sua saída da presidência da Fifa

BERNARDO ITRI
ENVIADO ESPECIAL A ZURIQUE

Encurralado pelo maior escândalo de corrupção da história do futebol, Joseph Blatter, 79, deixará a presidência da Fifa, cargo mais importante da modalidade no mundo.

Em pronunciamento na sede da entidade, em Zurique, nesta terça (2), o cartola anunciou a convocação de uma nova eleição, a ser realizada entre dezembro e março de 2016, para a escolha de seu substituto. Até lá, continuará como presidente.

“Embora tenha um mandato, sinto não ter o apoio de todo o mundo do futebol: torcedores, jogadores, clubes, das pessoas que vivem, respiram e amam o futebol”, afirmou o suíço.

A frente da Fifa há 17 anos —assumiu a presidência em 1998 sucedendo o brasileiro João Havelange, de quem há muito tempo se diz o braço direito—, Blatter tomou a decisão de sair da entidade quatro dias após ter sido reeleito para o seu quinto mandato. E no dia seguinte ao escândalo de corrupção ter atingido em cheio seu maior escudeiro, Jérôme

Valcke, secretário-geral da entidade. Ele movimentava dinheiro usado para propina, conforme revelou o jornal “New York Times”.

Nesta terça-feira (2), a TV sul-africana SABC reforçou as suspeitas que pesam sobre Valcke, detalhando o modus operandi do esquema.

Em 2008, segundo o canal, ele recebeu uma carta do ex-presidente da Associação de Futebol Sul-Africana, Molef Oliphant, pedindo a transferência de US\$ 10 milhões para Jack Warner, então presidente da Concacaf.

As autoridades americanas apontam que esse dinheiro foi usado para comprar votos a favor da candidatura da África do Sul à Copa de 2010.

A Fifa confirmou que o dinheiro foi transferido para Warner, mas nega ligação com propina. Diz que a verba foi dada para a criação de um fundo de legado para os países do Caribe.

O secretário-geral não participou do pronunciamento de Blatter.

Segundo a Fifa, Valcke também permanecerá com seu cargo na entidade até a escolha do novo presidente.

sábado • 30.mai
NA PAREDE

Blatter afirma que não teme ser preso e ataca os EUA ao dizer que a investigação que o país conduziu “não cheira bem”; tem de responder, porém, a perguntas sobre repasse de US\$ 10 milhões da Fifa em troca de apoio à candidatura da África do Sul para ser sede da Copa de 2010

domingo • 31.mai
TIROTEIO

Platini ameaça esvaziar competições da Fifa em retaliação a Blatter; o presidente da Federação Sul-Africana de Futebol reconhece que o país transferiu US\$ 10 milhões para a Fifa, mas nega que tenha sido para compra de votos para realizar a Copa de 2010

segunda • 1º.jun
RESPINGO EM BLATTER

Segundo o “The New York Times”, o Departamento de Justiça dos EUA acredita que Jérôme Valcke, abaixo apenas de Blatter na hierarquia da Fifa, movimentou os US\$ 10 milhões para pagamentos de propina; o francês diz que não autorizou pagamento; Fifa bane o colombiano Enrique Sanz, ex-dirigente da Traffic nos EUA, apontado na investigação como coconspirador

terça-feira • 2.jun
A QUEDA

Pressionado pelo escândalo, Blatter anuncia que vai deixar o comando da Fifa após 17 anos à frente da entidade; um novo pleito ocorrerá entre dezembro deste ano e março de 2016 —até lá, ele continua presidente

ISTO É FIFA

Nome: Federação Internacional das Associações de Futebol
Fundação: 21.mai.1904
Países filiados: 209

de gente mais sensata do que esperta.

Presidente:
Joseph Blatter (SUI)
Arrecadação (em 2014):
US\$ 2,1 bilhões (R\$ 6,6 bilhões)

Com seu braço direito muito enfraquecido, com as prisões de cartolas próximos e ciente de que o apoio a ele estava em queda, especialmente na Europa, Blatter avaliou que sua permanência se tornara insustentável.

Sua renúncia também tem motivações comerciais.

A Fifa tem perdido os seus principais patrocinadores. Empresas como Sony, Emirates, Castrol, que eram parceiras da entidade, deixaram de apoiá-la depois da Copa no Brasil. Em seu site, a Fifa registra cinco patrocinadores —na Copa, eram 20.

Um presidente sob fogo cerrado, caso de Blatter, poderia afugentar as demais empresas e impedir a chegada de novos patrocinios.

Nesta terça (2), autoridades dos EUA disseram ao jornal “New York Times” que o cartola deve se tornar alvo das investigações. Mas não há detalhes sobre qual seria sua implicação.

‘MELHORES CANDIDATOS’

A nova eleição ocorrerá entre o fim deste ano e o início de 2016 para atender ao estatuto da entidade. O documen-

to diz que o pleito só pode ser realizado quatro meses após sua convocação oficial.

“Vou convocar o Comitê Executivo para organizar um congresso extraordinário e eleger meu sucessor. Precisamos dar tempo suficiente para que os melhores candidatos se apresentem”, disse.

Em seu discurso, o presidente da Fifa afirmou que no período até a nova eleição irá comandar uma “reforma estrutural” na entidade.

Seu alvo é o Comitê Executivo, órgão que tinha como membros três dos sete cartolas presos na Suíça.

Blatter pretende reduzir o comitê e limitar mandatos, inclusive do presidente. Deve ainda alterar o modo de escolha de membros.

Com promessas desse tipo, o suíço procura preservar ao menos parte de seu poder e de seu prestígio.

No discurso em que anunciou sua saída, Blatter não falou em corrupção.

“O que importa para mim, mais do que tudo, é que, quando tudo isso terminar, o futebol seja o vencedor”.